

AUTÊNTICA
ORGANIZAÇÃO
DE VANGUARDA

IBÁO AMAZONAS
fevereiro - 1977

AUTÊNTICA ORGANIZAÇÃO DE VANGUARDA

Este mês transcorre o 15º aniversário da reorganização do Partido Comunista do Brasil. Precisamente a 18 de fevereiro de 1962 realizava-se em S. Paulo a Conferência Nacional Extraordinária que reuniu dezenas de delegados de organizações comunistas de diferentes Estados para reestruturar o Partido do proletariado que os revisionistas haviam tentado liquidar. Tratava-se de uma iniciativa arrojada e decisiva, da separação dos marxistas-leninistas do agrupamento prestista que ainda se intitulava de partido comunista mas que deixara de ser ao votar as teses contra-revolucionárias do renegado Khrushchev. Resurgia, assim, a vanguarda da classe operária do Brasil após dura e aguda luta contra o oportunismo e em defesa do marxismo-leninismo.

Nesta nova fase de sua existência, enfrentando dificuldades de toda a ordem o PC do Brasil demonstrou ser uma força revolucionária que se orienta pela invencível doutrina de Marx, Engels, Lenin e Stalin e que se empenha em levar o povo brasileiro a vitória sobre os seus piores inimigos o imperialismo norte-americano e as forças reacionárias internas. Apesar da repressão fascista que há treze anos flagela o Brasil, o Partido manteve-se inflexível na defesa dos interesses nacionais e populares, indicando sempre o justo caminho a trilhar. Suas análises políticas e as conclusões a que chegou em torno de problemas do país e internacionais foram confirmadas pela vida. Não se deixou arrastar pelas concepções pequeno-burguesas do foquismo, nem pela encurrada das "novas" teorias pretenciosamente orientadas a corrigir os clássicos do marxismo. Jamais aceitou teses infundadas, na aparência marxista-leninista mas de natureza empírica divulgadas como verdades incontestáveis. Incessantemente, desmascarou o revisionismo contemporâneo e refutou sua linha de traição a revolução e ao socialismo.

Sem dúvida o Partido apresentou também seus lados fracos e suas deficiências. Não conseguiu ainda se transformar no dirigente efetivo das amplas forças do povo. Embora sua esfera de influência tenha aumentado razoavelmente, sua autoridade política se reforçou, sua orientação atingindo importantes setores da população, revela debilidades na vinculação com as grandes massas populares. São pouco profundas suas raízes no seio da classe operária e apesar de haver dirigido a resistência armada do Araguaia, de longa repercussão, ressentiu-se de um trabalho de maior profundidade no campo.

O PARTIDO - Uma Necessidade Histórica

Não obstante, o povo brasileiro conta já com uma autêntica organização de vanguarda que se arma de experiência e de conhecimentos para cumprir sua missão histórica.

Nunca como hoje foi maior a necessidade dessa organização de vanguarda. Somente um partido proletário revolucionário pode guiar as massas exploradas e oprimidas à realização plena de suas mais sentidas aspirações. Os partidos burgueses ou pequeno-burgueses, reformistas ou pretensamente ultra-radicais, não têm possibilidade de dirigir o povo em sua luta emancipadora. No Brasil, fracassaram em seus intentos, apesar de terem contado com condições particularmente favoráveis. O partido revisionista de Prestes, por exemplo, chegou a ter sob seu controle e direção importantes setores da classe operária e das massas populares e sensíveis influência no governo de Goulart. Com sua tática oportunista e capituladora desarmou politicamente as massas e contribuiu vergonhosamente para a derrota do movimento democrático e popular quando do golpe dos generais fascistas de abril de 64. Os foquistas, embora tivessem demonstrado impulso revolucionário e praticado atos de repercussão, estiolaram-se num combate desigual e sem perspectiva.

Por isso, a reestruturação do PC do Brasil constituiu um acontecimento de significado histórico. Permitiu delimitar os campos entre a organização proletária e as de

com os burgueses e pequeno-burgueses, entre revolucionários e revisionistas, deu aos trabalhadores e ao povo uma orientação correta, abriu amplos horizontes à luta de libertação nacional e social. Serviu também de polo de atração às correntes que evoluíram para o marxismo-leninismo, como Ação Popular, e a setores que mais tarde romperam com os revisionistas. Desse modo, o Partido vem conquistando posições tanto no terreno tático como no estratégico, aprofundando o exame da realidade, delineando e trilhando os caminhos da revolução. Tudo isto tem importância primordial. Porque o Brasil vive um período crítico de sua história no qual todas as contradições básicas da sociedade aguçaram-se extremamente, reclamando soluções radicais. As classes dominantes já não podem governar como outrora. São obrigadas a recorrer a métodos bestiais de repressão para tentar sufocar os anseios de liberdade e de independência nacional assim como o sentimento em favor do socialismo que ganhou intensidade em vastos setores da população. Essas contradições serão resolvidas unicamente na luta irreconciliável. E para dirigi-la com acerto e indispensável a existência de um partido, como o PC do Brasil, guiado por uma teoria de vanguarda, que saiba contornar todos os obstáculos e conduzir o movimento revolucionário a bom termo, um partido que não se denomine apenas de comunista mas que disponha a todos os sacrifícios para aglutinar as grandes massas, elevar sua consciência política e levá-las aos combates que preparam os choques decisivos contra seus inimigos mortais.

A importância do partido marxista-leninista avulta mais ainda porque a luta de classes tornou-se mais complexa. O capitalismo conta agora com a ajuda dos revisionistas, egressos do socialismo, mas que se fazem passar por marxistas a fim de iludir as massas e melhor defender o regime dos monopolistas. Debatendo-se numa crise profunda e multilateral, o capitalismo imbuja o ambiente político, social, moral e cultural de negativismo, de degenerescência, de completo ceticismo. Lança mão de todos os recursos para proclamar que o socialismo é impraticável, ao mesmo tempo que procura "demonstrar" através da repressão sangrenta, não existir condições para a revolução. Ante a pressão que a burguesia

exerce em diferentes domínios, os vacilantes nas fileiras operárias tratam de adaptar-se à situação, renegam os princípios e os métodos revolucionários buscando justificativas as espúrias para fugir ao verdadeiro leito da luta de classes. Daí decorre igualmente a necessidade de um partido combativo e avançado capaz de desmascarar os manejos da reação e a propaganda insidiosa do capitalismo em decomposição, de tirar a máscara aos oportunistas, de demonstrar a viabilidade da revolução e do socialismo, de imprimir confiança as forças populares quanto ao êxito na conquista de seus objetivos.

O Partido Comunista do Brasil dispo-se a cumprir essa missão. Lutando em difíceis condições, procura colocar-se a altura de suas históricas tarefas. Já deu passos importantes nas esferas da ideologia, da política e da organização e pode-se asseverar que é no país o núcleo mais capacitado e o único apto a dirigir o movimento popular e revolucionário. Contudo, precisa multiplicar seus efetivos, sobretudo entre os trabalhadores das cidades e os pobres do campo, dominar mais ainda os métodos de combinação do trabalho legal com o ilegal, de modo a defender-se dos golpes da ditadura militar - fascista, ligar-se estreitamente as massas, desenvolver a frente única patriótica e democrática e preocupar-se teórica e praticamente com o desencadeamento e desenvolvimento da guerra popular. Necessita aprofundar o estudo do marxismo-leninismo aplicado a realidade brasileira, a fim de orientar melhor a luta do povo. Em especial, precisa afirmar-se mais ainda como partido proletário que objetiva o socialismo e o comunismo. Esta é uma condição fundamental para o êxito em seu trabalho.

LEVAR A CONSCIÊNCIA SOCIALISTA AO PROLETARIADO

A afirmação do Partido como organização autenticamente proletária implica não somente no domínio do marxismo - leninismo mas igualmente na sua capacidade de ganhar a classe operária para as ideias do socialismo científico e de plantar raízes profundas no seio

do proletariado.

Tarefa permanente e a longo prazo, que exige por sua vez a contínua elevação do nível ideológico dos comunistas, essa atividade não pode ser descuidada porque de seu cabal desempenho depende em boa parte os destinos do Partido e da revolução. A classe operária e a força dirigente da transformação revolucionária no país. Seu peso específico no conjunto da nação cresce a cada dia. Já hoje o proletariado urbano e rural ascende a cerca de 14 milhões de pessoas que, com suas famílias, perfazem mais de um terço da população. É uma força considerável que, aliada aos camponeses, representa a imensa maioria do povo.

Mas a classe operária só joga o seu papel enquanto classe efetivamente revolucionária quando adquire a consciência socialista e segue o seu partido de vanguarda. Sem isto e massa de magroba por parte dos agentes da burguesia e mesmo da pior reação, limita-se às ações de caráter puramente sindical e reformista. A consciência socialista, no entanto, não nasce espontaneamente das relações entre explorados e exploradores ou da luta meramente sindical. É fruto de uma elaboração científica que encontrou elevada expressão no Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels. Cabe ao Partido levá-la ao proletariado. E levá-la significa educar a classe operária na compreensão da sua função histórico-social, da incompatibilidade entre os seus interesses e os da burguesia, na ideia de que o capitalismo é um sistema de opressão e exploração que não pode durar eternamente. O capital somente existe e progride arrancando impiedosamente a mais-valia dos que produzem. Não tem outra maneira de realizar-se. Por isso, sob o capitalismo, o proletariado vive num regime de escravidão assalariada do qual não se livrará enquanto persistir tal regime. Quanto mais ele perdure, maior o será o sofrimento das massas, obrigadas a vender aos ricos a sua força de trabalho, o único bem que possuem, em condições sempre mais desvantajosas. O dever do Partido é infundir no proletariado a consciência do antagonismo irreconciliável entre os interesses da classe operária e todo o sistema político e social vigente, da necessidade de acabar com o capitalismo, destruir o Estado burguês e construir o socialismo baseado na ditadura do proletariado.

Sem dúvida a etapa atual da revolução no Brasil não é socialista, mas nacional e democrática. Suas tarefas e sistema de alianças são distintas daquela outra etapa, abrangem forças mais amplas. Aqui também se impõe o desenvolvimento de uma consciência democrática e antiimperialista como importante fator para a derrubada das forças reacionárias e da dominação do capital estrangeiro. O PC do Brasil tem contribuído de modo decisivo na formação dessa consciência que, nascida nestes últimos anos, se estendeu e hoje se exprime, em particular, na condenação nacional da ditadura militar-fascista e de sua política entreguista, monopolista e pro-latifúndio. No passado, quase que somente o Partido levantava a bandeira da luta antiimperialista e antilatifundiária. Durante anos os comunistas procuraram mostrar que a dominação imperialista e o latifúndio eram os principais entraves ao progresso do Brasil. Mobilizaram as massas em memoráveis campanhas patrióticas e pela reforma agrária. Nesse processo e em face do saque brutal dos trustes estrangeiros às riquezas do país foi-se formando e desenvolvendo a consciência antiimperialista e democrática. Na atualidade, essa continua sendo uma das principais tarefas dos comunistas. Em especial, a que se refere ao desenvolvimento da consciência revolucionária das massas camponesas em luta pela terra, contra a prepotência das autoridades, dos grileiros e dos latifundiários.

Mas o Partido não é um simples agrupamento nacional - revolucionário. Como o seu próprio nome indica, é um partido de vanguarda que aspira ao socialismo e ao comunismo. Convinco de que os problemas cruciais do novo brasileiro somente podem ser resolvidos com a liquidação do capitalismo, não esconde seus objetivos maiores, ao contrário, proclama-os abertamente. Justamente porque quer o socialismo, o PC do Brasil luta conseqüentemente para tornar vitoriosa a revolução agrária e antiimperialista, democrática-popular. Compreende essa etapa, que decorre de processo objetivo, como fator favorável para desbrilhar o caminho que conduzirá nosso povo a um sistema social mais avançado. Todavia, seria incorreto

pensar que sendo a etapa atual agrária e antiimperialista, democrático-popular, o Partido não deveria fazer propaganda do socialismo e intensificar esforços para forjar a consciência de classe do proletariado. Se assim procedesse, não seria um verdadeiro partido proletário e comunista. Além do mais, quanto maior for a consciência socialista da classe operária, mais consequente ela será na luta contra o imperialismo, contra o latifúndio, contra os grupos monopolistas da grande burguesia ligada ao capital estrangeiro. Não há contradição alguma entre pugnar pela vitória da revolução nacional e democrática e simultaneamente fazer propaganda do socialismo e desenvolver a consciência socialista do proletariado.

Lenin deu um grande exemplo nesse terreno. Também na velha Rússia a revolução tinha duas etapas a democrático-burguesa e a socialista. Os bolcheviques realizaram intenso trabalho para desenvolver entre as amplas massas do povo uma consciência democrática. Indicaram o caráter retrogrado e opressor do zarismo. Defenderam a necessidade da República, a liquidação dos restos feudais, a libertação das nações oprimidas pela autocracia. Em tal atividade, conseguiram grandes êxitos, o que facilitou a derrocada da mais antiga cidadela da reação russa e mundial. Mas, ao mesmo tempo, Lenin foi um dos maiores propagandadores da educação socialista da classe operária, um propagandista tenaz das ideias do socialismo científico. "Devemos expor e enfatizar - afirmava - nossos objetivos democráticos gerais ante todo o povo, sem ocultar nem por um instante nossas convicções socialistas". Ele não apenas fundamentou a necessidade de ser levada a consciência socialista ao proletariado como orientou o Partido bolchevique para a realização dessa relevante tarefa.

O PC do Brasil deve assimilar esse ensinamento leninista, tendo em conta que a questão da propaganda do socialismo e da elevação do nível de consciência do proletariado tem sido, desde há longo tempo, um ponto débil em sua atuação. Não se pode dizer que nada foi feito com tal objetivo. Em maior ou menor escala e em diferentes oportunidades, os comunistas efetuaram propaganda do socialismo. Tal propaganda, no entanto, consistia quase

que exclusivamente na divulgação dos êxitos dos países socialistas ou na publicação de algumas obras dos clássicos do marxismo. Não era ligada a luta de classe no país, a denúncia da feroz exploração capitalista que aqui se verifica, a revolução das massas do capitalismo, a necessidade de o proletariado emancipar-se socialmente. Se bem que seja educativo promover os sucessos da construção do socialismo onde a classe operária já chegou ao poder, para mostrar as inúmeras vantagens do sistema, essa propaganda por si só não conduz os trabalhadores a compreender o quadro real de sua situação e a importância da luta pelo socialismo. A propaganda socialista precisa ser realizada em íntima relação com as injustiças sociais e a política antioperária das classes dominantes, acompanhada da explicação das verdadeiras causas das dificuldades e sofrimentos das massas, impregnada de argumentação científica sobre a inevitabilidade da derrocada do capitalismo.

Após completar o 15º aniversário de sua reorganização, o PC do Brasil tempera-se no fogo da luta contra a ditadura militar-fascista e seus aliados, os imperialistas norteamericanos. Sofreu pesados golpes que desfalcaram suas fileiras de quadros experientados e valorosos. Alcançou vitórias e registrou revezes. Manteve sempre no alto sua bandeira de combate, jamais renunciou a linha e conduta a que se incoa desde fevereiro de 62. Quaisquer que sejam as vicissitudes, o Partido mostra-se decidido a cumprir o seu dever e disposto a todos os sacrifícios para conduzir o povo brasileiro a luta emancipadora, a vitória da revolução. Os comunistas não cedem ante ameaças e violências, corrigem seus erros e dedicam-se de corpo e alma ao cumprimento de suas tarefas, convictos de que o futuro lhes pertence. As forças da reação e do imperialismo, cada vez mais cercadas pelo descontentamento e o ódio do povo, estão condenadas a um fim ignominioso. Nada lhes salvará da derrota inevitável.

CIPRIANO

Por motivo do 50º aniversário de fundação do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL e do 10º de sua reorganização.

- 1972 -

Este ano, o Partido Comunista do Brasil completa meio século de existência e dez anos de sua reorganização. Durante cinco décadas, ele assinala a presença da classe operária na vida política do País. O Partido do proletariado despertou o povo para a luta, mobilizou amplos setores da população, dirigiu grandes ações de massas.

O Partido Comunista do Brasil indicou as causas do atraso do País. Apontou o domínio do imperialismo e o sistema do latifúndio como obstáculos principais ao progresso da nação. Exigiu firmemente a liquidação do jugo dos trustes estrangeiros, forjando uma consciência patriótica que, hoje, se expressa na repulsa aos imperialistas norte-americanos e no desejo irrefreável de conquistar a verdadeira independência nacional. Foi a primeira organização política, e a única durante longo tempo, que reclamou a reforma agrária radical. Graças a sua atividade generalizou-se o sentimento em favor da extinção do monopólio da terra e de profundas mudanças no campo.

O Partido Comunista do Brasil tem sido uma voz que não se cala, pugna pelas franquias democráticas. Sempre e em toda parte defendeu os oprimidos e opôs-se à tirania. Condenou veementemente as arbitrariedades e os crimes das classes dominantes contra os trabalhadores e o povo. Colocou-se nas primeiras filas dos que combateram o fascismo. Denunciou sem cessar a falta de liberdades que, em geral, caracterizou a vida política do País.

O Partido Comunista do Brasil manteve estreitos vínculos com o proletariado e suas organizações de massas. Lutou incansavelmente pelos direitos da classe operária. Tomou parte ativa na vida sindical e nela combateu a influência nefasta do reformismo e do peleguismo. Dirigiu greves e campanhas através das quais os trabalhadores alcançaram conquistas.

O Partido Comunista do Brasil propagou as idéias do socialismo científico. Divulgou a genial doutrina de Marx e Engels que ilumina o caminho da luta para a emancipação completa do mundo do trabalho. Difundiu os notáveis êxitos da construção do socialismo nos países onde o proletariado domina. Descortinou para os trabalhadores a nova sociedade, livre da exploração do homem pelo homem.

O Partido Comunista do Brasil não vacilou, após o II Congresso do PCUS, em desmascarar os renegados da revolução e traidores do socialismo, levando a cabo sua reorganização. Foi um dos primeiros destacamentos de vanguarda da classe operária mundial que se levantou corajosamente contra o revisionismo contemporâneo, em defesa do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

O Partido Comunista do Brasil inspirou grandes ações e magníficos exemplos de valentia e abnegação. Inúmeros são seus heróis mártires. Milhares e milhares de comunistas passaram pelos cárceres, sofreram torturas sem fraquejar. Incontáveis são os militantes, homens e mulheres, que, duramente perseguidos pela reação, dedicaram-se inteiramente ao Partido e jamais temeram dificuldades. O Partido orgulha-se destes revolucionários proletários e reverencia a memória dos que tombaram.

No quinquagésimo aniversário de sua fundação e no décimo de sua reorganização, o Partido Comunista do Brasil faz um balanço de sua atividade. Examina os acertos e os erros, os avanços e os recuos, os lados positivos e negativos de sua atuação. Tira ensinamentos do trabalho realizado, das lutas travadas durante um tão longo período a fim de se preparar melhor para os futuros embates pela liberdade e a emancipação nacional e pela conquista do socialismo.

I

MEIO SÉCULO DE EXISTÊNCIA

A vida do Partido Comunista do Brasil é a luta árdua e prolongada, de milhares de militantes abnegados, pela construção da verdadeira vanguarda da classe operária, capaz de dirigir com êxito a revolução no país. É o es

forço continuado para enfrentar e superar dificuldades de toda ordem. A rota para atingir este objetivo vai desde a pequena organização encerrada em si mesma até a ligação com amplas massas; desde a ausência de experiência política até a direção de greves, movimentos patrióticos e lutas revolucionárias; desde a falta de clareza sobre a luta armada até a formulação do caminho da guerra popular; desde os insucessos nas tentativas de elaborar uma orientação correta até a definição de um programa justo e de uma tática acertada; desde a prevalência de concepção oportunistas até o predomínio da tendência revolucionária, marxista-leninista. A trajetória do Partido, apesar dos inúmeros percalços que registra, indica imenso êxito da classe operária brasileira. A dedicação, o sacrifício e a atividade incansável dos comunistas, durante dezenas e dezenas de anos, pela edificação do Partido deram resultados benéficos.

1. Surgimento do Partido Comunista do Brasil

O Partido Comunista do Brasil surge da unificação dos diferentes grupos comunistas, a 25 de março de 1922. Nasce, sob a influência direta do maior acontecimento da história da Humanidade - a Grande Revolução Socialista de Outubro. Seus fundadores são Astrojildo Pereira, Hermógênis da Silva, Manoel Gondon, Cristiano Cordeiro, José Elias, entre outros.

A fundação do Partido constitui um marco no movimento operário e na vida do povo brasileiro. Não é um acontecimento fortuito. Corresponde às necessidades do desenvolvimento social. Com o crescimento do capitalismo, a

Tudo isto não pode deixar de repercutir no partido recém-fundado que reflete as virtudes e os defeitos da classe operária. Apesar de ter surgido sob a égide da III Internacional - à qual se filia como uma de suas seções e cujo programa e estatutos aceita - o Partido pouco conhece o marxismo e muito longe está de dominá-lo. Falta-lhe suficiente clareza para orientar-se com acerto na realização das grandes e históricas tarefas que se propõe realizar.

2. Primeiros Anos de Vida

Precisamente em 1922, O Brasil vive uma fase de intensa efervescência política, acompanhada de levantes de quartel e de ações armadas, que se prolonga até o início da década de 30. Governam o país valehas oligarquias de grandes fazendeiros, em particular de São Paulo e Minas Gerais, que proclamam, com ufanismo, ser o Brasil um país essencialmente agrícola. Impera um regime de atraso e ignorância, desprovido de liberdade, em que vigoram eleições fraudadas e perseguições aos trabalhadores. O problema social é considerado caso de polícia. Tais oligarquias estão ligadas aos imperialistas ingleses que, com sua ajuda, saqueiam a nação. O descontentamento contra esta situação espalha-se por todos os Estados.

Três meses após a fundação do Partido, eclode uma rebelião militar que tem sua maior expressão no levante do Forte de Copacabana. Em 1924, ocorrem novas rebeliões militares que controlam durante algum tempo a capital

de S. Paulo e zonas do interior do Rio Grande do Sul. Destas rebeliões origina-se a Coluna Prestes que percorre o Brasil durante três anos, lutando pela derrubada do governo. Vinculada com a sucessão presidencial, nos anos de 1929 e 1930, verifica-se vasta agitação em que se prega, de maneira genérica, a necessidade da democracia e a realização de reformas sociais. A agitação culmina com o movimento armado de 1930 que atinge guarnições militares de quase todos os Estados e põe abaixo o governo.

Todas estas lutas têm como força principal a pequena burguesia urbana, e delas participaram também massas da classe operária. Sua direção, contudo, está nas mãos de setores da burguesia e até de latifundiários em choque com o governo federal. O imperialismo norte-americano, objetivando deslocar seu concorrente inglês, apóia o levante militar de outubro daquele ano.

O Partido não compreende então o processo político em curso, não descortina naquelas lutas o movimento, ainda confuso, por transformações democrático-burguesas. Considera que o proletariado nada tem a ver com os fatos em desenvolvimento no país. Adota posições sectárias e alheia-se da situação real. Aplicando mecânicamente as teses da Internacional Comunista, defende a criação de um governo apoiado em sovietes de operários e camponeses. Desta forma, o Partido afasta-se da realidade concreta. Não pode, assim, ligar-se às grandes massas, influir sobre elas e tornar-se uma corrente política de projeção nacional. Não sabe disputar, no decorrer da luta, a lição

rança daquele movimento com os agrupamentos burgueses e pequeno-burgueses.

À margem da luta política, o Partido é um pequeno grupo com atividade bastante reduzida. Embora tenha fundado o jornal "A Classe Operária" que mais tarde cumpriu destacado papel, limita-se à propaganda abstrata das idéias revolucionárias e faz agitação pouco compreensível às massas, desliga da vida. Procurando sair desta situação e romper com o oportunismo, afasta de suas fileiras o secretário-geral, Astrojildo Pereira, principal responsável pela orientação seguida.

O Partido tenta combater a influência nociva das idéias pequeno-burguesas em seu seio. Mas envereda por um caminho errôneo. Em nome da proletarização, faz uma campanha contra os elementos de origem pequeno-burguesas e em favor de um pretensioso modo de vida proletário. Via como causa de sua estagnação os indivíduos e não as concepções estranhas à classe operária. Assim, não consegue sair do seu isolamento.

Nos primeiros anos de sua existência, o Partido assemelha-se a uma seta.

3. Sob a Bandeira da Revolução

O governo de Vargas, resultado do movimento armado vitorioso de 1930, adota algumas medidas de caráter popular e de sentido democrático-burguesa. Nacionaliza o sub-solo, golpeia velhas oligarquias estaduais, decreta as 8 horas de trabalho, reconhece os sindicatos. Poucos anos após, estabelece o

voto secreto e convoca uma Assembléia Constituinte que elabora nova Constituição. Orienta-se por uma política demagógica de cunho social-reformista, chegando mesmo a criar uma representação classista no Parlamento, eleita pelos sindicatos, já então subordinados ao Ministério do Trabalho, estruturado especialmente para desenvolver a colaboração de classes.

Mas a chamada revolução de 30 não enfrentou os problemas fundamentais do país. E não pôde fazê-lo porque a vitória do movimento armado representa um compromisso entre a burguesia nacional e setores das forças reacionárias. Mantém-se intocável o monopólio da terra e prossegue a espoliação imperialista. O conteúdo antipopular e antidemocrático das Forças Armadas não sofre alteração. A liberdade tão ansiada pelo povo não é plenamente instaurada. Permanece na ilegalidade e perseguido o partido do proletariado. Os analfabetos, que constituem a maioria da população, não têm direito a voto. Continua agravando-se, cada vez mais, a situação das massas.

Amplios setores sociais que haviam participado do movimento de 30 mostram-se descontentes com a orientação e as medidas de pouco alcance tomadas pelos governantes. Acentua-se a diferenciação entre as forças progressistas e as forças retrógradas. A insatisfação popular aumenta com o aparecimento da Ação Integralista que, inspirada no hitlerismo, tenta implantar o fascis-

mo no país, apoiada em círculos do governo. Nas grandes cidades, o proletariado realiza poderosas greves em defesa de seus direitos e as massas populares entram em choque com os bandos integralistas.

No plano internacional, com a subida do partido nazista ao Poder na Alemanha, o fascismo passa a ser uma grave ameaça para a Humanidade. Os hitleristas pregaram febrilmente a II Guerra Mundial, pretendendo esmagar a revolução, liquidar as liberdades democráticas e impor seu domínio em toda parte. Os povos manifestaram seu firme desejo de barrar o caminho ao fascismo, criando amplas organizações de luta.

Ajudado pela orientação da Internacional Comunista, que propugna uma política de frente contra o fascismo, o Partido dá um grande passo adiante. Analisa relativamente bem a situação criada no Brasil e rompe, em boa parte com o sectarismo. Volta-se para as massas e para as questões mais candentes do momento. Dirige importantes greves, e mobiliza massas contra o integralismo. Elabora uma política ampla, cujo gume é dirigido contra o fascismo e o imperialismo. Neste sentido, em 1935, organiza a Aliança Nacional Libertadora que agrupa extensos ^{setores} populares e numerosos elementos, tanto civis como militares, participantes do movimento de 30.

A Aliança Nacional Libertadora abre nova perspectiva para o povo brasileiro. Apresenta um programa de reivindicações nacionais e democráticas que vai ao encontro das aspirações de vastas massas. Prega a instauração de

um governo popular nacional revolucionário para resolver problemas básicos' do País. Desfraldada a bandeira da revolução libertadora sob o lema PÃO, TERRA E LIBERDADE! Rapidamente, conquistou largo apoio da população. Com a ANL, surge um novo ascenso do movimento popular.

Impulsionando a frente única, o Partido projeta-se nacionalmente. Aparece grandes camadas do povo como uma organização revolucionária que luta por um Poder efetivamente popular. Ainda que na clandestinidade, atua intensamente no cenário político, estrutura-se em todos os Estados e seus efetivos crescem com rapidez. Sua orientação geral está em consonância com a real situação do país.

Poucos meses depois de fundada, a ANL é posta na ilegalidade. As forças reacionárias assustam-se com os seus grandes êxitos e tratam de obstaculizar seu avanço. Iniciam a perseguição aos comunistas e aliancistas. Diante disto, o Partido orienta seu trabalho para a insurreição armada sob a bandeira da ANL. Confia numa vitória fácil, tendo em conta a influência que a Aliança desfruta entre soldados, sargentos e oficiais das Forças Armadas.

A 23 de novembro de 1935, rebenta o levante de Natal, dirigido por cabos e sargentos, que instaura um governo popular e controla a cidade durante alguns dias. Quarenta e oito horas após, em ligação com a greve dos ferroviários da Great Western, rebela-se uma parte da tropa do Exército em Recife,

sem contudo conseguir a vitória. A 27 de novembro, verifica-se no Rio de Janeiro a revolta do 3º Regimento de Infantaria e da Escola de Aviação Militar, sufocada por forças militares superiores. Assim, o movimento nacional-libertador foi derrotado, em que pese o heroísmo de seus combatentes.

As causas da derrota são várias. Apesar dos seus grandes êxitos, a Aliança Nacional Libertadora apresentou sérias falhas. Contava com enormes simpatia popular mas sua organização era ainda débil nas cidades e não chegou a atuar no campo. Embora seu programa fosse amplo, revelava sectarismos na atividade prática. Às vésperas da insurreição, lançou a palavra-de-order de Governo Popular Nacional Revolucionário com Prestes à frente, o que restringia a amplitude do movimento. Não orientou a preparação da luta armada, objetivando fundamentalmente as massas e cuidou quase exclusivamente dos levantes de quartel. Por isso os acontecimentos de novembro surpreenderam a grande maioria dos aliancistas e comunistas que não chegou a ser mobilizada para a ação armada. Na realidade, a tática política da ANL, particularmente após o seu fechamento, e a sua concepção militar estavam impregnadas de revolucionarismo pequeno-burguês, o que levou à precipitação da luta armada.

No entanto, a insurreição de 1935, constitui fato memorável da luta do povo brasileiro por sua emancipação. Pela primeira vez no país foi tentada, através da luta armada a instauração de um poder popular, único capaz de por fim à espoliação estrangeira e ao domínio do latifúndio, de assegurar terra para os camponeses, liberdade e bem-estar para o povo e o verdadeiro

progresso da nação. Constitui também a insurreição de 35 uma gloriosa página da história do Partido Comunista do Brasil, inspirador, organizador e dirigente das jornadas revolucionárias daquele ano. Os comunistas ocuparam o posto de vanguarda da ampla frente contra o imperialismo, o fascismo e reação interna.

4. Refluxo do Movimento Revolucionário

Com a derrota da insurreição de 35, o Partido é duramente perseguido. Muitos de seus dirigentes e militantes são presas. A reação implanta o estado de sítio, estende-se por toda parte a perseguição aos revolucionários. Não consegue, porém, esmagar de todo o movimento popular que, com a campanha presidencial de 1937, começa a se reerguer. Grandes massas, em comícios eleitorais, reclamam medidas contra o fascismo e os integralistas. Ameaçadas, as forças reacionárias desencadeiam o golpe de 10 de novembro de 37 que instauram o chamado Estado Novo. Este golpe dirige-se fundamentalmente contra os comunistas, submetidos a um regime de terror, ao mesmo tempo que atinge vastos setores populares e personalidades democráticas. Inicia-se o refluxo do movimento revolucionário.

Os comunistas defendem suas organizações, lutando contra o terrorismo estadonovista. Necessita mudar de tática. Ao fazê-lo, porém, adotam posições

errôneas. Embora exaltem a insurreição de 35, abandonam, aos poucos, os objetivos revolucionários e limitam-se às reivindicações mais imediatas. Orientam-se paulatinamente para o nacional-reformismo. As idéias em favor da grande siderurgia, como o caminho para alcançar a completa independência nacional, ganham força no partido. Começa a circular em suas fileiras a opinião de que no governo ditatorial existem partidários da democratização e defensores de um novo rumo para o país, que deviam ser apoiados pelos comunistas. Política e ideologicamente, o Partido não está preparado para fazer frente à situação surgida às vésperas da II Guerra Mundial; não pode, por isso, resguardar-se dos ataques das forças reacionárias.

Com o desencadeamento da guerra, o Estado Novo, e, em particular, os generais fascistas, depois dos primeiros êxitos militares do nazismo na Europa, procuram arrastar o Brasil para a aliança com a Alemanha de Hitler. Investem furiosamente contra os comunistas, a força mais consequente da luta anti-fascistas. Em fins de 1939 e começo de 1940, caem nas garras da polícia o Comitê Central bem como as direções estaduais do Partido. Muitas organizações de base são destroçadas. O Partido é praticamente destruído.

5. A Luta Pela Reconstrução do Partido

Em 1941, por iniciativa de dirigentes estaduais, inicia-se a reorganização do Partido, nacionalmente. Cria-se a Comissão Nacional de Organização Provisória (GNOP) que procura articular os comunistas dos diferentes estados. Em dois anos de trabalho surgem as condições para realização de uma conferência nacional. Esta se efetua em 1943 e conhecida como a Conferência de

Mantiqueira. Dela participaram, como seus principais organizadores, Diógenes Arruda, Maurício Grabois, Pedro Pomar, João Amazonas, Amâncio Vasconcelos, Júlio Sérgio de Oliveira e Mário Alves.

Um papel histórico desempenha a Conferência da Mantiqueira. Estrutura novamente o Partido em escala nacional. Elabora uma tática que corresponde, no essencial, as necessidades da situação. Elege o Comitê Nacional que inclui os nomes acima mencionados, mais Luiz Carlos Prestes e Carlos Marighella, que se encontravam no cárcere, e outros militantes. Desta Conferência projetam-se dirigentes que, durante longo período, exercem grande influência no movimento comunista.

A Conferência da Mantiqueira avalia corretamente a situação. O nazismo, que ocupava a quase totalidade da Europa e invadira a União Soviética, fortaleza da revolução mundial, ameaçava escravizar toda a Humanidade. No plano mundial formara-se ampla coalizão anti-hitlerista. A vitória desta coalizão abria o caminho para forças democráticas e progressistas em todos os Países. No Brasil, o governo de Vargas, sob a pressão das massas e também de círculos governantes norte-americanos, declararam guerra à Alemanha e à Itália. Partindo destas premissas, a Conferência aprova uma tática que indica com clareza a tarefa principal do Partido e do Povo Brasileiro: concentrar todas as forças na luta decidida para ajudar a derrotar o nazi-fascismo. Isto exige a união nacional contra o pior inimigo dos povos, a subordinação da de

mais tarefas à consecução daquele objetivo. A união deve ser realizada em tempo de Vargas, ainda que seu governo tivesse perseguido duramente os comunistas.

O Partido, armado com a linha da Conferência da Mantiqueira, desenvolve importante atividade em função do esforço de guerra. Mobiliza as massas para reclamar a participação mais ativa do Brasil no conflito bélico. Depois do envio de tropas Brasileiras para o front italiano, realiza amplo trabalho de apoio e solidariedade à FORÇA EXPEDICIONÁRIA. Dirige campanhas patrióticas e democráticas. No mesmo período, também desenvolve atuação no movimento sindical que começa a se reanimar e a contar com presença de massas. No início de 1945 organiza vigorosa jornada pela anistia aos presos políticos, coroada de pleno êxito. Como resultado da orientação traçada na Conferência da Mantiqueira, o Partido aumenta o número de seus membros e se fortalece em quase todos os Estados.

Esta orientação, no entanto, não aborda questões programáticas relacionadas com a revolução. Trata tão somente de problemas táticos para um período limitado. Em 1944, o Partido considera falsamente que se poderia aplicar no após guerra a mesma política do período da guerra. Lança a palavra-de-ordem de União Nacional, para a guerra e para a paz, em torno de Vargas, grave erro corrigido um ano depois com a retirada desta palavra de ordem.

Além da luta por sua reconstrução e sua consolidação, o Partido enfrenta, no período da segunda guerra mundial, o liquidacionismo defendido por ex-dirigentes comunistas que tinham vindo do exterior e por elementos que se encontravam por vários anos na prisão. Entre os liquidacionistas estão Fernan-

do Lacerda, Silo Meireles, Carlos Maringhella, Agildo Barata, Orestes Timbaúva e José Maria Crispim. Todos eles opõem-se à reconstrução do Partido, argumentando que isto constituiria um entrave à união nacional. Também o Partido enfrenta o liquidacionismo de "esquerda" do chamado Comitê de Ação. Os participantes desta organização, antigos comunistas, são igualmente contrários à reconstrução partidária e afirmam que o PC só deve ser reconstruído após a guerra num congresso de todas as esquerdas. Combatem a união nacional em torno do governo e pregam a sua derrubada, no momento em que ele se empenha na luta contra o nazismo. O Partido derrota ambas as tentativas de liquidacionismo.

Assim, ao término da guerra, o Partido, reconstruído, realiza fecunda atividade entre as massas e lança as bases para o rápido desenvolvimento de suas fileiras.

6. O Partido na Legalidade

Como resultado de sua atividade e da vitória dos povos sobre o nazismo, o Partido consegue, no início de 1945, a anistia para os presos políticos e a sua legalização. São dois grandes êxitos do movimento democrático. Centenas de comunistas, postos em liberdade, vêm reforçar a organização partidária. A legalidade do Partido Comunista do Brasil, obtida depois de

23 anos de existência, é um acontecimento de enorme importância na vida política brasileira.

Anistiado, Prestes assume a chefia do Partido. Desde logo, tenta impor a ampliação do Comitê Nacional, eleito na Conferência de Mantiqueira, com a inclusão de elementos que haviam defendido posições liquidacionistas ou que, em diferentes épocas, tiveram atitudes oportunistas. Em consequência desta posição entram na direção nacional, sem que houvesse feito qualquer autocritica, Agildo Barata, Fernando Lacerda, Astrojildo Pereira, José Maria Crispim, Otávio Brandão, Orestes Timbauva, entre outros. É uma decisão à margem dos princípios que coloca no mesmo plano revolucionários e oportunistas e expressa conciliação no plano político e ideológico.

A redemocratização do País constitui, no após-guerra, o centro da política do Partido. Os comunistas exigem a convocação de uma assembléia constituinte livremente eleita. Adotam esta orientação, o Partido apóia, de certa forma, o governo de Vargas que, então, tomava medidas de sentido democrático pretendendo permanecer no Poder. Em outubro daquele ano, as Forças Armadas, estimuladas pelo imperialismo norte-americano, depõem Vargas, visando deter o vigoroso avanço das massas populares.

Consideráveis setores da população apoiam entusiasticamente o Partido. Vêm nos comunistas os combatentes de 35, os adversários corajosos do Estado Novo e, por isso mesmo, os mais perseguidos pela reação, os patriotas abnegados na luta contra o nazismo. Identificam os comunistas com os heróicos, combatentes da União Soviética que, sob a direção de Stalin, fo-

ram o fator decisivo da vitória sobre o hitlerismo. Dezenas e dezenas de milhares de homens do povo afluem ao Partido. Aos atos públicos por ele organizados comparecem verdadeiras multidões. Criam-se, também, numerosas Comitês Populares, que agrupam grandes massas e seguem a política do PC do Brasil. O movimento sindical, ganhando impulso, procura libertar-se do controle do Ministério do Trabalho e aceita os comunistas como força dirigente. Surgem no interior diversas Ligas Camponesas. Nas eleições de dezembro de 1945, a primeira a que concorre com sua legenda própria, o Partido alcança 10% dos votos dos eleitores inscritos. Sua bancada parlamentar dá provas de combatividade e imprime um estilo novo no Parlamento, merecendo amplo apoio do povo. Sob a pressão de vasta campanha popular dirigida pelo Partido, os imperialistas norte-americanos têm que se retirar das bases militares do Nordeste. A reforma agrária é reivindicada pelos comunistas e encontra eco entre os camponeses. No pleito de 1947, maiores são os êxitos do Partido que se torna majoritário em vários centros operários do País e em grandes cidades como Recife e Rio de Janeiro. Amplas massas vêem no PC do Brasil a esperança de melhores dias.

Tem curta duração a vida legal do Partido. Este é posto na ilegalidade em maio de 1947. Tentando conter o Partido, a reação interna com o general Dutra à frente - enquadrando-se nos planos imperialistas norte-ameri-

canos de repressão aos comunistas no âmbito mundial - desencadeia violentos ataques contra a vanguarda do proletariado e contra as organizações de massas. Sem qualquer pretexto, prende e espanca os comunistas, intervém nos sindicatos, destituindo seus dirigentes. Persegue a imprensa popular. Em janeiro de 1948, cassa o mandato de todos os parlamentares eleitos pela legenda do Partido Comunista do Brasil e passa ao assassinato de numerosos militantes. Em consequência, reduzem-se os efetivos partidários e, uma a uma, as conquistas do após-guerra são anuladas.

Em seguida ao seu fechamento e à cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas, o Partido adota posições contraditórias e lança palavras de ordem fora da realidade, como a da exigência de renúncia de Dutra. Realiza acordos eleitorais sem princípio, política que continua por muito tempo, causando graves prejuízos ao Partido e contribuindo para isolá-lo das massas.

Estes insucessos, além das causas objetivas, decorrentes de erros da linha política. Ainda que justa a luta pela redemocratização do país, a orientação do Partido tem fundo oportunista. Está baseada na idéia de que, com a derrota do nazismo, surge uma nova época, de desenvolvimento pacífico, que prescinde da revolução. Admite que o imperialismo está de dentes quebrados e não mais pode impedir o avanço pacífico da democracia no Brasil e no mundo. Nega, no essencial, o princípio da luta de classes e defende a colaboração com a burguesia. As opiniões revisionistas de Earl Browder, renegado do PC dos Estados Unidos, influem na linha do Partido. Na prática, a orientação traçada corresponde a concepção de que o movimento é tudo e o

objetivo final é nada. Adapta-se às circunstâncias do dia a dia.

Desta forma, o Partido encontra-se politicamente impotente para fazer face à reação cada vez mais violenta. Afasta-se da realidade, a cada golpe que recebe, afirma tratar-se simplesmente de desespero das forças retrógradas, uma vez que a tendência geral seria o avanço continuado da democracia. A política do Partido, sem base nos princípios marxistas-leninistas, é refutada pela vida. Não se situa no quadro da luta de classes e das exigências da situação concreta. Embora elementos dessa orientação já se encontrem em germe na linha da Conferência da Mantigueira, especialmente depois de lançada a palavra-de-ordem de União Nacional para a Guerra e para a Paz, ela é traçada e defendida obstinadamente pelo então secretário-geral do Partido, Luís Carlos Prestes, que exerce influência quase absoluta no Comitê Nacional.

7. Em Busca do Caminho Revolucionário

Com a derrota e fracassos da linha política, que tornam evidente seu caráter oportunista, o Partido inicia a busca do caminho revolucionário. Organiza a resistência à reação e à entrega do país ao imperialismo. Dirige importantes greves e realiza inúmeras lutas de sentido democrático e antiim

perialista. A campanha do petróleo alcança larga penetração entre o povo e possibilita a formação de ampla frente única antinorte-americana. Em agosto de 1950, o Partido faz séria tentativa de romper com as posições reformistas e de adotar uma linha verdadeiramente revolucionária. O Manifesto de Agosto, que encarna esta tentativa, orienta-se para a revolução e a luta armada.

Assim procedendo, o Partido obtém alguns êxitos. Procura imprimir maior combatividade às ações de massas nas cidades e dar atenção ao desenvolvimento da luta no campo. Surgem alguns movimentos camponeses de cunho revolucionário e poderosas greves nos principais centros operários. Dirigidas pelo Partido, as greves têm sentido mais radical e as ações camponesas em vários lugares resultam em choque com a polícia. O Partido afasta de suas fileiras elementos oportunistas que querem mantê-lo nas posições de direita, como José Maria Crispim.

Todavia, o Manifesto de Agosto mescla questões programáticas e posições táticas, o que leva, na atividade prática, a interpretações esquerdistas. Além disso, apresenta a burguesia em bloco como força inimiga. O Partido cai em posições sectárias, abstém-se de participar das eleições presidenciais de 1950, que levam Vargas outra vez ao Poder. Diante do novo governo, o Partido se define. Sem levar em conta a situação real, adota atitude rígida de combate sistemático a Vargas, que obtivera expressiva votação popular e representa, em certo grau, setores progressistas da nação.

Neste período, fins da década de 40 e princípios da de 50, intensifica-se a penetração do imperialismo norte-americano e aumenta sua influência nas Forças Armadas. Funda-se a Escola Superior de Guerra sob a inspiração direta do Pentágono. O armamento e o treinamento das forças militares são padronizados segundo o modelo yanque, instalam-se no Brasil aparatosas missões militares dos Estados Unidos que exercem enorme influência nas Forças Armadas e se estabelece o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos contrário aos interesses nacionais. Vargas, de um lado, capitula diante dos generais reacionários e faz sérias concessões ao imperialismo yanque. Por outro lado, decreta o monopólio estatal do petróleo e atenua a repressão no país. Verifica-se outro ascenso do movimento popular. Aguçam-se, mais uma vez, as tradições entre a corrente representada por Vargas e as forças mais reacionárias. O Governo acha-se ameaçado por um golpe militar. Em agosto de 1954, com o apoio yanque, Vargas é deposto pelas Forças Armadas e se suicida. O Partido, que o combatera inflexivelmente até o golpe militar, muda radicalmente de posição. Passa a elogiar Getúlio Vargas e a propor estreita aliança com o Partido Trabalhista que vinha sendo duramente atacado pelos comunistas. É uma atitude contraditória que gera confusão nas fileiras partidárias e revela falta de essência na política do Partido.

Continuando na busca de um caminho acertado, o Partido elabora seu Programa, aprovado no IV Congresso realizado em 1954. É o primeiro programa

por ele elaborado em toda a sua existência. A aprovação deste documento, correto em seus elementos essenciais, constitui grande êxito e já revela certo domínio do marxismo-leninismo e da realidade nacional. Arma o Partido e as massas para levar a cabo a revolução. O Programa faz uma análise justa da situação do Brasil, demonstra ser indispensável a revolução, define acertadamente o caráter desta revolução e indica o imperialismo norte-americano como o principal inimigo do povo brasileiro. Destaca a necessidade da criação de ampla frente única que inclua a burguesia nacional.

Com o objetivo de ganhar os militantes para as idéias do Programa, intensifica-se o trabalho de educação marxista-leninista no Partido. Realizam-se inúmeros cursos, editam-se obras dos clássicos, divulgam-se materiais e documentos de muitos partidos irmãos. O estudo da doutrina do proletariado começa a ser feito de maneira sistemática.

Mas a elaboração do Programa não significa mudança de profundidade com relação às concepções estranhas ao proletariado. O documento programático de 54 é aprovado sem séria luta ideológica na qual fossem combatidas e extirpadas antigas tendências pequeno-burguesas que se manifestavam das mais diferentes formas, assim como corrigidas métodos errôneos de direção e de trabalho partidário. Sem ter assimilado suficientemente a ideologia da classe operária, o Partido não opõe a necessária resistência a penetração de idéias burguesas e pequeno-burguesas em suas fileiras. O Comitê Central expressam-se com força opiniões errôneas. O Principal dirigente do Partido, seu secretário-geral, oscila entre posições extremas, ora de direita, ora de "esquerda".

Em tais circunstâncias, o Partido tem dificuldade para elaborar uma táctica consentânea com a estratégia definida no Programa. Diante da aproximação das eleições presidenciais, apóia a candidatura de Juscelino Kubitschek, ex-governador de Minas Gerais. Ainda que este apoio pudesse se justificar tendo em vista combater a coalisão mais reacionária que concorria ao pleito, o Partido não deixa bem clara sua posição independente nem relaciona a atitude adotada com os objetivos do Programa.

O governo de Juscelino Kubitschek, ao lado das medidas repressivas contra o movimento popular, faz uma política demagógica de aparência nacionalista. Sob o pretexto de desenvolvimento econômico, permite intensa penetração do capital estrangeiro no país. Simultaneamente, discorda da política do Fundo Monetário Internacional e se apóia em certos setores nacionalistas das Forças Armadas. Atrai para a esfera de sua influência muitos intelectuais de esquerda. Estes fundamentam toda uma doutrina, o desenvolvimentismo, que encerra soluções apresentadas por uma parte da burguesia para os problemas nacionais. Em essência, o governo de Kubitschek defende o desenvolvimento do país com a maior penetração do imperialismo e com a manutenção do monopólio da terra.

A política demagógica de Juscelino Kubitschek repercute dentro do Partido, ocasionando vacilações em muitos militantes. Apesar de o Partido possuir um programa revolucionário, subsistem arraigadas concepções reformistas que se manifestam no modo de pôr em prática a orientação preconizada no Programa. Em 1956, forte é a pressão da ideologia burguesa sobre o Partido. O

desenvolvimentismo vinha sendo difundido intensamente e circula nas fileiras partidárias, inclusive, na direção nacional.

Em tal situação, o Partido toma conhecimento das teses do XX Congresso do PCUS e dos ataques infames de Kruschov a Stálin.

8. O Surto Revisionista

Naquele Congresso, o renegado Nikita Kruschov e sua camarilha rejeitam princípios fundamentais do marxismo-leninismo e iniciam uma luta aberta contra a ditadura do proletariado. Propugnam o caminho burguês, social-democrata, da evolução pacífica e, sob a alegação de combate ao culto à personalidade de Stálin, lançam-se contra a doutrina da classe operária. Atacam insidiosamente os partidos comunistas e os marxistas-leninistas de todo o mundo. Usando criminosamente o prestígio e a autoridade do partido de Lênin e de Stálin, abrem as portas do oportunismo e da podridão contra-revolucionária. Os cães-de-fila da reação e todo rebatalho do movimento operário internacional seriam alma nova e combatem raivosamente os partidos leninistas. Os revisionistas soviéticos causam danos consideráveis ao comunismo internacional.

Também no Brasil, as distorções e calúnias do XX Congresso do PCUS a * pararam sérios prejuízos. Manifesta-se no Partido um surto revisionista de grandes proporções. O denominado combate ao culto à personalidade serve de veículo para a difusão no Comitê Central e nas fileiras partidárias de teses antimarxistas e antileninistas que negam o Partido, enxovalham seu passado de lutas, contrariam o princípio da hegemonia do proletariado, repudiam a revolução.

O Comitê Central fica perplexo e desarvorado porque as teses errôneas:

têm origem no PCUS, cuja opinião sempre mereceu respeito dos comunistas brasileiros. Encontra por isso dificuldades para combater os elementos anti-partidários que se organizam num grupo de cunho revisionista e liquidacionista, a cuja frente é colocado Agildo Barata. Este grupo assalta os órgãos da imprensa do Partido e, por conta própria abre através deles, um debate orientado contra a vanguarda do proletariado e seus dirigentes e contra os princípios básicos do marxismo-leninismo. Contudo, firmando nos postulados marxistas, o Comitê Central consegue derrotá-lo. Agildo Barata é expulso do Partido. Mas vários membros da direção nacional continuam defendendo opiniões revisionistas, entre os quais se salientam Carlos Marighella, Giocondo Dias, Mário Alves, Astrojildo Pereira, Orestes Timbaúva, João Massena, Jacob Goreneder, Zuleika Alambart. Persistem, assim, o surto revisionistas, que, em 1957, toma novo impulso com a adesão de Prestes àquelas opiniões e com o afastamento de alguns camaradas do Presidium do Comitê Central, entre os quais João Amazonas e Maurício Grabois. A orientação kruschovista é adotada oficialmente pelo Partido e o Programa de 1954 posto inteiramente de lado. O caminho revolucionário do Partido é, uma vez mais, truncado. Vencem as concepções reformistas.

Passa a reger a atividade política do Partido a linha contida na Declaração de Março de 1958. Esta declaração preconiza o caminho pacífico e a colaboração com a burguesia. Defende abertamente a solução reformista, considera que o Estado brasileiro está em processo de democratização crescente e que a democracia e a independência nacional serão conquistadas, paulatinamente, através de sucessivos governos das classes dominantes. Postula simplesmente medidas de reforma agrária, abandonam a palavra-de-ordem de reforma a-

grária radical. Propugna uma frente única de tal amplitude que inclui forças reacionárias e admite a direção da burguesia nesta frente, anulando o papel de vanguarda do Partido. No que respeita ao Poder constituído, a política traçada é de apoio ao Presidente da República e à denominada ala democrática do governo Kubitschek. Este é tido, em seu aspecto fundamental como nacionalista e democrático.

Em oposição à linha de 1959, inicia-se vigorosa luta ideológica em defesa do Partido e do marxismo-leninismo. Aos poucos, forma-se no Comitê Central um núcleo marxista-leninista que combate o reformismo. A luta contra o oportunismo assume maiores proporções na preparação e no curso do V Congresso realizado em 1960. Nos debates deste congresso, os marxistas-leninistas fazem severa crítica da linha oportunista, desmascaram o caráter reformista das teses apresentadas pelo Comitê Central e propõem uma orientação revolucionária. Nos mesmos debates, mais de metade dos artigos publicados na imprensa partidária condenam a linha de direita, fato revelador de que as idéias revolucionárias ganham terreno.

No entanto, manipulado pela direção ^{partidária} prestista, o V Congresso aprova as teses oportunistas e afasta do quadro ^{partidário} membros efetivos do Comitê Central, os que resistem a sua orientação. Mas a luta travada pelos marxistas-leninistas dá frutos: desperta grande número de militantes para o combate às concepções errôneas e aguça seu espírito crítico. Os choques de opiniões verificados durante o V Congresso representam a luta ideológica mais importante já travada no movimento comunista brasileiro. Acentua a delimitação dos campos entre os revolucionários e oportunistas, contribuem para esclarecer muitas questões do movimento comunista, servem para aprofundar o conhecimento da realidade nacional e ajudam a compreender que está em jogo a própria existência do Partido.

Em meados de 1961, o Comitê Central eleito no V Congresso, numa tentativa de conseguir, a qualquer preço, a legalidade do PCB, publica novos Es-

tatutos, dos quais exclui a afirmação de que o Partido se orienta pelo marxismo-leninismo e pelo internacionalismo proletário, e um programa indefinido semelhante aos de certos ajuntamentos políticos das classes dominantes." Formaliza, assim, a criação de um novo partido, de tipo social-democrática, o Partido Comunista Brasileiro, renegando o velho partido da classe operária, o Partido Comunista do Brasil.

Grande número de militantes não aceita a liquidação do Partido. Exige do Comitê Central a anulação das medidas tomadas ou a realização de outro Congresso. A exigência é respondida com sanções antiestatutárias. Erguendo a bandeira da defesa do Partido, militantes revolucionários de diferentes Estados convocam então uma Conferência Nacional Extraordinária, em fevereiro de 1962, na qual reorganizam o antigo partido do proletariado - o Partido Comunista do Brasil. Os principais organizadores desta conferência são, entre outros, João Amazonas, Maurício Grabois, Pedro Pomar, Carlos Danielli, Angelo Arroio, Lincoln Oest, José Duarte, Elza Monnerat.

O rompimento com os oportunistas seguidores de Kruschov - o primeiro verificado no mundo capitalista depois do surgimento do revisionismo contém râneo - constitui acontecimento de importância histórica para o movimento comunista brasileiro. As tentativas de privar o proletariado de seu partido fracassaram. O marxismo-leninismo lançou raízes na classe operária e já podia enfrentar o oportunismo na sua mais elevada expressão, a liquidacionismo revisionista. A reorganização do Partido não representa uma simples continuação de da velha organização fundada em 1922. Incorpora a tradição de luta dos comunistas e elimina erros e deficiências do passado. Significa um salto qualitativo. Precedida de profunda luta ideológica, a reorganização se dá numa base revolucionária, marxista-leninista, que imprime ao Partido uma fisionomia

mia de autêntica vanguarda política do proletariado. Inicia-se nova fase da vida do PC do Brasil.

9. Na Senda do Marxismo-Leninismo

Ao se reorganizar, o Partido formula um programa que retoma, em outro nível, as posições revolucionárias do passado. Aponta as causas do atraso do país: o domínio imperialista, o monopólio da terra e os grupos monopolistas da grande burguesia. Caracteriza o imperialismo norte-americano como o principal inimigo do povo brasileiro, defende a criação de uma ampla frente democrática e antiimperialista sob a direção do proletariado, indica as tarefas a serem realizadas na primeira etapa da revolução. Afirma ser indispensável a violência revolucionária para livrar a nação do atual regime retrógrado e para instaurar um governo popular revolucionário. O Programa do Partido, constitui uma vitória do marxismo-leninismo no Brasil. É um poderoso instrumento para a ação revolucionária. Definindo com clareza o caráter da revolução e a direção do golpe principal, permite a aglutinação de imensas forças sociais, sob a direção do proletariado, para a conquista do Poder.

Os primeiros anos da reorganização são duros e difíceis. Os efetivos do Partido são reduzidos e débeis também seus vínculos com as massas. Os marxistas-leninistas lutam contra a corrente. O reformismo, sob o governo de Goulart, está em plena auge. Tudo parece confirmar as teses oportunistas dos renegados do marxismo. Mas o Partido não se deixa abater. Os comunistas concentram sua atividade na conquista da vanguarda para as posições revolucionárias. Desmascaram energeticamente os oportunistas e denunciam sua traição à causa do povo e do socialismo. Demonstram a falsidade das soluções reformistas e pregam o caminho da revolução. Nesta atividade, A CLASSE OPERÁRIA, tradicional órgão do Comitê Central, é poderoso instrumento de combate, tanto

na luta contra o revisionismo contemporâneo como em defesa do Partido. Contribui para agrupar os marxistas-leninistas. Boa parte do esforço dos comunistas consiste na edição e difusão do único jornal marxista-leninista existente no país. A "Classe" edita quinzenalmente dezenas de milhares de exemplares e trata dos assuntos mais candentes do movimento comunista no Brasil e em todo mundo. O Partido publica ao mesmo tempo livros e folhetos revolucionários, destacando-se materiais do Partido Comunista da China e do Partido do Trabalho da Albânia.

O Partido dá sua contribuição ao desmascaramento de revisionismo contemporâneo no plano internacional. À medida que ficam claras as posições revisionistas de Kruschov, Brezhnev e Kossiguin, o Partido Comunista do Brasil não vacila em combatê-las abertamente. Solidariza-se com o Partido do Trabalho da Albânia, alvo do ataque raivoso dos kruschovistas. Apóia firmemente a atitude do PC da China em defesa do marxismo-leninismo. Estabelece sólida amizade com estes dois destacamentos da vanguarda da classe operária mundial.

Enfrentando dificuldades sem conta, o Partido, pouco a pouco, se fortalece, ampliando sua influência e se firmando como verdadeira organização revolucionária do proletariado. Quando se verifica o golpe militar de abril de 1964, é capaz de preservar suas fileiras das investidas da reação e prosseguir em sua atividade. Enquanto o partido revisionista sofre grave derrota política e entra em desagregação, o PC do Brasil vê sua autoridade e prestígio reforçados. Para Ele afluem novos militantes. Suas teses, baseadas no marxismo-leninismo, são confirmadas pela prática.

10. Tática Revolucionária

O golpe militar de 1964 é dura prova para todas as organizações política de esquerda. Fracassam as mais diferentes teorias e linhas de conduta defendidas por essas organizações. Somente o Partido teve clareza sobre a situação reformista de Goulart e muito menos nos chamados setores democráticos das Forças Armadas. Enquanto as demais organizações políticas se desarmavam com o golpe, o Partido analisa serenamente os acontecimentos e adota posição concreta diante da ditadura que acaba de se instalar.

Em agosto de 1964, o Partido publica um documento no qual examina a fundo o golpe militar e o período que o antecedeu. Generalizando a experiência, tira ensinamentos valiosos para o movimento revolucionário. Mostra o quanto é errôneo o caminho pregado pelos revisionistas. Em que pesem a política conciliadora de Goulart e o capitulacionismo de Prestes e seus saques, sua aberta colaboração com a burguesia e mesmo com as forças reacionárias, os generais não titubearam em derrubar o governo e atacar o movimento popular em ascensão. Evidenciou-se toda a falsidade do caminho pacífico. O documento desmascara a tese revisionista sobre o pretendo caráter democrático das Forças Armadas. Demonstra também que a burguesia não tem condições para dirigir o movimento democrático e nacional e que ao proletariado cabe a função dirigente. Salienta que o campo é o problema-chave da revolução. E, por fim, destaca que, no embate entre o marxismo-leninismo defendido pelo PC do Brasil e o revisionismo contemporâneo sustentado pelo partido de Prestes, os acontecimentos ocorridos no país deram razão ao PC do Brasil. O documento de agosto revela ainda que o golpe de abril de 1964 não é semelhante aos anteriores pronunciamentos militares. Veio para instalar, por um longo período, uma ditadura reacionária. Os fatos confirmam esta previsão.

A nova situação do país e a elaboração da tática geral do Partido exigem a convocação de uma Conferência Nacional. Esta se realiza em junho de 1966. A VI Conferência aprova um documento intitulado UNIÃO DOS BRASILEIROS PARA LIVRAR O PAÍS DA CRISE, DA DITADURA E DA AMEAÇA NEOCOLONIALISTA onde a

precisa a situação internacional e nacional, expõe a tática do Partido, focaliza a luta ideológica no plano interno e externo, faz rápido esboço da história do Partido e indica tarefas de organização partidária. Ao analisar a situação internacional assinala que os povos marcham no sentido da revolução e que esta é a tendência principal no mundo.

A Conferência centraliza sua atenção na tática. Os comunistas necessitam de uma orientação que corresponda aos objetivos estratégicos fixados no Programa de 1962. Justamente nas questões táticas, o Partido sempre apresentou debilidades. Mesmo quando adotou posições revolucionárias não soube encontrar a maneira prática de desenvolver a luta pelos objetivos programáticos. A VI Conferência elabora uma tática tendo em conta a realidade nacional e o propósito de fazer a revolução.

A implantação de uma ditadura militar, antinacional e antipopular, de modelo fascista, determina uma situação nova no país. Os generais reacionários não atacam apenas as forças populares. Atingem, também, com suas medidas arbitrárias, partidos das classes dominantes, inúmeros políticos influentes, a intelectualidade progressista e setores do clero católico. Cerceiam ao extremo a atividade política. Sob a ditadura, o Brasil está mais subjugado ao imperialismo norte-americano. Em tais condições, o Partido preconiza a união de todos os patriotas e democratas, tendo em vista levar a cabo a revolução com bandeiras amplas. O imperialismo norte-americano e seus sustentáculos internos, que têm sua expressão política na ditadura militar, são os piores inimigos do povo. Combater, isolar e derrotar estas forças é grande tarefa revolucionária. A VI Conferência salienta que o campo é cenário prin-

principal onde poderá surgir e se desenvolver a revolução. Diz que o Brasil, embora uma nação unida, contém em si dois brasis: o do interior e os das grandes cidades. Justamente no interior encontra-se imenso potencial revolucionário a ser mobilizado. Já a reação é mais débil. Intensificando sua atividade na cidade entre a classe operária e as massas populares, é preciso dar primazia ao trabalho no campo. A Conferência ao destacar que se deve utilizar todas as formas de luta, reafirma que a forma principal é a luta armada, sem a qual não se derrubará o regime reacionário. Esta luta será a guerra popular. Em essência, a tática traçada em junho de 1966 visa a preparação e ao desencadeamento da luta armada.

No terreno ideológico, a VI Conferência, além de aprofundar o combate às teses revisionistas, dá atenção à luta contra o centrismo, afirmando que, na disputa entre o marxismo-leninismo e o revisionismo contemporâneo, não pode haver terceira posição. Proclamar-se marxista-leninista e ao mesmo tempo colaborar com o PCUS, não desmascará-lo a fundo, significa afastar-se do caminho proletário.

Ao esboçar a história do Partido, a VI Conferência sublinha o papel negativo desempenhado por Prestes, durante quase duas décadas, à frente do Partido, constituindo fator de atraso na formação da verdadeira vanguarda da classe operária e na luta revolucionária. Simultaneamente, ações estranhas ao proletariado resultam da pouca assimilação do marxismo-leninismo.

Armado com o documento da VI Conferência, com uma tática correta, o Partido, na clandestinidade, desenvolve importante atividade. Liga-se mais às massas, aumenta sua influência política, reforça suas fileiras com o ingresso de novos militantes. O desmascaramento das posições oportunistas do PC Brasileiro e o segundo fracasso da orientação política por ele seguida, por sua desintegração, fatores revolucionários que ainda restam na organização Prestista, em especial no Est. da Guanabara, dela se desprendem e vêm reforçar as lutas do P.C. do Brasil.

À frente destes setores se encontram Manoel Jover Teles e Armando Frutuoso

Após a VI Conferência, o Partido desmascara um grupelho de inimigos nele infiltrado, que tenta assaltar a direção, desagregá-la e levá-lo pelo caminho do aventureirismo pequeno-burguês. Derrotado no curso daquela conferên-
ci, este grupelho procura, sorratamente, dividir o Partido e por fim ar-
rancar a máscara. Seus integrantes são expulsos da organização partidária, o
que se fortalece depurando-se de arrivistas e provocadores.

O Comitê Central, em 1967, examina detidamente o fenômeno do "foquis-
mo" surgido em quase todos os países da América Latina, inclusive o Brasil, e
cujo centro inspirador se encontra em Cuba. Demonstra que o "foquismo" é toda
uma concepção pequeno-burguesa sobre a revolução, tanto na esfera política,
como na militar e organizativa. Esta concepção defende no aspecto político,
uma revolução continental única que não leva em conta as características na-
cionais e as diferenças nas etapas do processo revolucionário. Prega a luta
armada de pequenos grupos desligados do movimento de massas, sem a necessária
preparação e sem considerar as condições objetivas. Nega o papel do Partido
como força dirigente, atribuindo a guerrilha esta função. É uma teoria falsa
e voluntarista, de fundo subjetivista, que posta em prática, causa imensas
danos ao movimento revolucionário. Com o desmascaramento do "foquismo", o PC
do Brasil assesta um golpe contundente nas tendências aventureiras, pretensa-
mente de esquerda, que ganhavam corpo entre as correntes democráticas e popu-
lares. O Comitê Central desmascara também as teses trotsquistas e neo-trots-
quistas que circulam nos meios revolucionários. O trotsquismo, que já há mui-
tos anos havia sido derrotado pelo movimento operário marxista-leninista, res-
surge apoiado nas posições traidoras de Kruschov e tenta, uma vez mais, deso-
rientar as forças progressistas e levá-las à derrota. Isto exige o combate

sem tréguas as suas concepções e métodos contra-revolucionários.

Com a subida de Costa e Silva ao Poder em substituição a Castelo Branco, o Partido encara a nova conjuntura. Afirma que o governo recém-empossado é a continuação do que lhe antecedeu, distinguindo-se apenas pelas manobras demagógicas visando a conquistar certo apoio do povo. E chama as massas à luta, convencido de que estas, cansadas da ditadura, não se deixarão enganar. A orientação adotada revela-se justa. Apesar da repressão, o povo vem à praça pública, realiza grandes manifestações e lutas de rua sob as palavras-de-ordem de ABAIXO A DITADURA! e ABAIXO O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO! lançadas pelo Partido. Os estudantes ocupam posição de relevo nos acontecimentos. Ganha força o movimento popular. O Partido tem ativa participação neste movimento no qual desempenha papel saliente.

Acuados pela repulsa das massas, os militares achemotem mais furiosamente contra o povo. Editam o Ato Institucional nº 5 que estabelece um poder absoluto, autocrático. Liquidam os resquícios de garantias e direitos individuais. Voltam à cassação de mandatos, às prisões em massa de patriotas e democratas, ao fechamento de organizações populares. Instituem um regime de terror. A violência recradece em nível mais elevado.

Em 1969, o Partido enfrenta uma situação mais complexa e de maior reação. Os militares, passando por cima das leis por eles mesmos ditadas e sob o pretexto de enfermidade de Costa e Silva, destituem o "presidente" e o "vice-presidente" da República e instituem uma Junta Militar. Em seguida, os generais designam entre eles o novo "presidente". Sob o Poder um grupo militar ainda mais fascista, tendo à frente Garrastazu Médici. O Brasil desde então, está sob o tacão do pior governo de toda a sua história. Acen-tua-se mais ainda o caráter policial do Estado dirigido pelos generais. Tor-na-se brutal a presequição aos patriotas que não se conformam com a ditadura.

A tortura de presos políticos se transforma em rotina policial. Revolucionários são abatidos friamente nas praças públicas ou nas masmorras. Entram em vigor as penas de morte e de prisão perpétua. O terror se abate mais pesadamente sobre o país.

A classe operária que se encontra sob forte influência dos reformistas e que teve suas organizações duramente atingidas pelo golpe de 1ª de abril, ainda não consegue opor-se com decisão aos militares. Por sua vez, setores da pequena burguesia urbana procuram responder ao banditismo da ditadura, recorrendo às ações radicais de grupos isolados nas cidades. Sucedem-se os sequestros, ataques a bancos e supermercados, os choques com policiais e outros atos semelhantes. Os autores de tais ações consideram-nas guerrilha urbana.

O surgimento deste tipo de luta é um fenômeno objetivo que decorre da existência de uma ditadura fascista e de concepções pequeno-burguesas, "foquistas", no movimento revolucionário. O emprego de tais métodos mostra o conformismo de boa parte da pequena burguesia que, não tendo clareza sobre o caminho da revolução, apela para formas de luta extremas porém inconsequentes. Revela também o estado de espírito do povo desejoso de derrubar a ditadura e de encontrar a senda revolucionária. Por isso, por mais golpes que tenham sofrido, os grupos pequeno-burgueses "foquistas" persistam em sua ação. Mas aquelas ações, mesmo alcançando repercussão, não podem golpear seriamente a ditadura e levar o povo à vitória. Não facilitam a incorporação de grandes massas à luta. No entanto, no curso da guerra popular, atos de pequenos grupos nas cidades, integrados numa perspectiva estratégica proletária, revolucionária, se justificam plenamente. Concorrem para enfraquecer o inimigo, dispersar suas forças e elevar o moral do povo. Ainda assim, é in-

dispensável ter em conta a economia de forças, a oportunidade das ações, o apoio popular e a possibilidade de êxito.

11. A Revolucionarização do Partido

A ditadura militar, sob a chefia de Médici, proclama que o atual estado de coisas continuará e que nem mesmo o AI-5 será revogado. Trata de fechar através da violência sempre maior, o caminho da luta de massas. De forma mais imperiosa, coloca-se diante do povo a necessidade de desencadear a revolução.

O Partido elabora, à base da experiência adquirida, o documento GUERRA POPULAR - CAMINHO DA LUTA ARMADA NO BRASIL de primordial importância para o movimento revolucionário. Este documento representa grande avanço na maneira de encarar os problemas da revolução. Pela primeira vez, os comunistas abordam de modo claro e fundamentado sua concepção sobre a luta armada, que resulta do exame da realidade nacional, do estudo da experiência de lutas armadas do povo brasileiro, da prática do Partido após a sua reorganização e, também, dos ensinamentos da revolução em outros países. O documento demonstra que, para ser vitoriosa, a revolução assumirá o aspecto de guerra prolongada, travada fundamentalmente no interior, que se inicia por pequenos grupos guerrilheiros, cria bases de apoio no campo e se orienta para incorporar à luta grandes massas populares. As cidades cumprirão importante função, apoiando concretamente as ações guerrilheiras no interior e coordenando com estas lutas suas ações urbanas de diferentes tipos.

Todos os comunistas são convocados a trabalhar ativamente na preparação e no desencadeamento da guerra popular. O Partido procura colocar-se à altura das tarefas que a revolução impõe. Torna-se premente a revolucionarização das suas fileiras, a adoção de métodos e estilo de trabalho revolucionários. Em fins de 1969, o Comitê Central destaca uma vez mais que o prole-

tariado precisa de um partido de combate, instrumento da revolução e não apenas um centro de orientação política e ideológica. Para que a linha do Partido não fique no papel e se traduza em atos revolucionários, é indispensável combater a rotina, o comodismo e a passividade. O momento exige militância corajosa e abnegada. Cada comunista, revolucionário, não deve assumir compromissos que entrem sua atividade de lutador inteiramente a serviço do povo. O chamamento do Comitê Central para a revolucionarização do Partido começa a dar resultados positivos. Inúmeros militantes, em especial os jovens, entregam-se plenamente à atividade partidária, ligam sua vida e seu futuro à revolução.

12. Autêntica Vanguarda da Classe Operária

O trabalho revolucionário é a constante do Partido Comunista do Brasil nos dez anos após a sua reorganização. O Partido não se desvia da senda assinalada na Conferência Nacional Extraordinária, não comete erros essenciais nem fica oscilando entre posições reformistas e revolucionárias. É coerente em sua conduta política. Suas atitudes orientam-se no sentido da luta pelos objetivos programáticos.

Neste período, o Partido faz sérios esforços para elaborar, em seus aspectos fundamentais, a teoria marxista-leninista da revolução brasileira. Esta teoria encontra sua expressão no Programa do Partido, na tática traçada

na VI Conferência, na fundamentação da luta ideológica contra as opiniões errôneas, na sistematização do caminho da luta armada, na concepção do tipo de partido do proletariado. Em seu conjunto, as interpretações do Partido sobre diferentes problemas da realidade foram um todo harmônico, permitindo compreender em sua plenitude o processo revolucionário brasileiro e suas perspectivas.

Decorridos dez anos de reorganização do Partido, pode-se avaliar o significado histórico da decisão tomada em fevereiro de 1962. O rompimento com os oportunistas e a estruturação do Partido em bases marxistas-leninistas constituem mudança de qualidade no movimento revolucionário brasileiro, passo importante no domínio da teoria do proletariado, consolidação da vanguarda da classe operária.

II

ENSINAMENTOS DE CINQUENTA ANOS DE LUTAS

A trajetória de meio século de vida do Partido Comunista do Brasil traz importantes lições para os revolucionários proletários. É um acervo de experiência que, bem analisadas, podem contribuir para elevar a consciência marxista-leninista da vanguarda da classe operária. Uma justa apreciação do passado do Partido impedirá que se incorra em velhos erros, ajudará a extirpar concepções estranhas ao proletariado e a evitar os vaivéns e retrocessos que caracterizam grande parte da vida do Partido durante muitas décadas.

Quais são, no fundamental, os ensinamentos que se pode extrair dos 50^o anos de vida do Partido Comunista do Brasil?

1. O Partido é uma necessidade histórica e sua defesa um dever constante de todo revolucionário proletário

Os cinquenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que o Partido é uma exigência histórica do desenvolvimento da sociedade brasileira. Únicamente a organização de vanguarda do proletariado pode conduzir o povo a sua liberdade e à conquista do socialismo.

O Partido foi a força impulsionadora das principais lutas de massas e de sentido progressista que se realizaram no país. Ajudou a classe operária a se organizar e a pugnar por conquistas sociais. Foi a primeira organização política do país que demonstrou ser o latifúndio uma das causas do atraso do Brasil e também a primeira a reclamar a entrega da terra aos camponeses. Igualmente foi o Partido que, em primeiro lugar, denunciou a dominação imperialista e revelou em diferentes períodos o processo de espoliação crescente do povo brasileiro pelos monopólios internacionais. Através de longos anos de luta ele forjou uma consciência nacional, antiimperialista. As campanhas em defesa do petróleo e, em geral, das riquezas nacionais foram i-

niciadas e conduzidas pelo Partido. O PC do Brasil teve grande atuação na luta pelas liberdades democráticas. Pugnou pelo direito de greve, de organização independente do proletariado, dos campossenses e dos estudantes. Reclamou a completa emancipação da mulher. Defendeu a livre manifestação do pensamento e a liberdade de criação artística. Denunciou e combateu sem descanso o regime de opressão vigorante no país. Difundiu a idéia da transformação radical da sociedade brasileira e definiu o caráter da revolução no Brasil. Particularmente em 1935 e, agora, após sua reorganização, ergueu bem alto a bandeira da revolução.

O Partido Comunista do Brasil é, assim, uma exigência da evolução social. Sua presença na vida do país não é fenômeno acidental nem artificial. Por isso mesmo, nenhuma forma reacionária pôde destruí-lo. No curso dos últimos cinquenta anos, o Partido sofreu, tanto por parte da reação como de inimigos de classe nele infiltrados, sérios golpes, mas nunca foi liquidado. Em 1939/40, a reação fascista conseguiu destroçar seus órgãos dirigentes e quase todas as suas organizações. Em curto período, o Partido se reergueu. Em 1941/45, foi ameaçado pelos liquidacionistas, porém não se deixou eliminar. Quando em 1957/58, os revisionistas avassalaram as fileiras partidárias e, na mais grave tentativa de liquidação do Partido, procuraram transformá-lo numa organização social-democrata, encontrou forças para prosseguir no seu caminho. Reorganizou-se e deu um salto adiante.

Estes cinquenta anos de vida política vieram mostrar de maneira convincente que o Brasil precisa de um partido autenticamente prolético, verdadeiramente revolucionário, um partido de luta pelo socialismo. Na época atual, só

a classe operária pode dar rumo conseqüente à luta democrática e de libertação. Como os fatos têm demonstrado, a burguesia não é capaz de conduzir com êxito o processo revolucionário. Sob sua direção, o movimento por transformações mais profundas na sociedade tem sofrido repetidos reveses e tem mesmo retrocedido. Tampouco a pequena burguesia pode estar à frente da revolução. Embora combativa e atuante, é uma camada social instável. Com frequência assume posições extremadas, ora reboque da burguesia, ora engajada num radicalismo fora da realidade. A direção do movimento revolucionário pelo proletariado é, hoje, uma imposição da história, uma lei objetiva do desenvolvimento social. Quanto mais se aprofunda a crise geral do capitalismo, mais evidente se torna a tendência para o socialismo, que só pode ser alcançado sob a hegemonia da classe operária, com a derrota da burguesia e a instauração da ditadura do proletariado. A este cabe dirigir não só a luta de libertação nacional como também a revolução em todo o período de transição do capitalismo ao socialismo, a fim de levar o povo brasileiro ao comunismo.

Mas a direção do proletariado só será assegurada se ele possuir o seu partido de classe, independente, efetivamente revolucionário, orientado por uma teoria de vanguarda. Este tipo de partido, pelo qual se luta há cinquante anos, é o Partido Comunista do Brasil.

2. O domínio do marxismo - leninismo - condição básica para forjar o partido revolucionário do proletariado

Os cinquenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que a luta pela formação do Partido é, ao mesmo tempo, a luta pelo domínio da teoria marxista-leninista. Lênin dizia que "sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário" e que "só um partido dirigido por uma teoria de vanguarda pode cumprir sua missão de combatente de vanguarda".

Longo e difícil tem sido o processo de formação do Partido. Ao surgir em 1922, o PC do Brasil se propunha ser a vanguarda do proletariado e proclamava como seu objetivo final o socialismo. Filiou-se, desde o início, à II Internacional e aceitou o marxismo como sua doutrina orientadora. Mas isto não significava que o Partido recém-criado fosse, desde esse momento, uma autêntica vanguarda. faltava-lhe a ideologia do proletariado, a consciência de classe, uma concepção do mundo distinta da concepção burguesa. Passaram-se alguns meses para que se transformasse no verdadeiro partido da classe operária. Até então era um partido em formação, ainda muito longe de possuir as características de uma vanguarda chamada a cumprir um papel histórico.

Diversas são as causas, objetivas e subjetivas, que contribuíram para o atraso na formação do Partido. O proletariado brasileiro é jovem. Na época da fundação do Partido era pouco numeroso e ligado à pequena indústria, ao artesanato e ao campo. Débil, portanto, como classe. Seu crescimento quantitativo e qualitativo se deu somente depois da II Guerra Mundial. De outra parte, a pequena burguesia urbana, que sempre foi numerosa e teve participação ativa em todos os movimentos revolucionários exercia grande influência sobre a classe operária. A burguesia nacional, em ascensão, influen

ciava também seriamente o proletariado, procurando ganhá-lo para soluções " que defendia . Por sua vez, o socialismo científico era desconhecido no país e tal desconhecimento prolongou-se por muitos e muitos anos. A primeira obra marxista editada no Brasil foi o Manifesto Comunista, de Marx e Engels, na década de 20, com tiragem muito reduzida. Obras fundamentais do marxismo so mente foram publicadas na década de 40 e igualmente pouco difundidas.

O Partido não dominava o marxismo-leninismo, a ideologia da classe operária. Sofria influência direta da ideologia pequeno-burguesa e, mais tarde, da ideologia da burguesia nacional. Vinham para as suas fileiras elementos pequenos burgueses que, por sua combatividade, galgavam postos de direção sem ter mudado suas concepções. Isto contribuiu para que aflorassem manifestações de anarco-sindicalistas, de sectarismo e de golpismo. Também ingressavam no Partido muitas pessoas que, sob a influência da burguesia nacional, eram portadoras de tendências reformistas.

Muito concorreu para o atraso na formação do Partido a presença de Prestes no Comitê Central, por ele dominado de maneira quase absoluta, durante cerca de vinte anos. L.C. Prestes foi o representante mais típico das idéias burguesas e pequeno-burguesas no Partido. Tornou mais difícil o domínio do marxismo. Orientou o Partido ora para a "esquerda", ora para a direita. Mas sua constante foi a de colocá-lo a reboque da burguesia. Enquanto esteve na secretaria geral, predominou o dogmatismo que acarretou graves prejuízos

ao movimento revolucionário. A elaboração da linha partidária, em muitos casos, não resultava da análise concreta da realidade nacional. Atinha-se à teoria em geral ou baseava-se na orientação de outros partidos que atuavam em condições distintas das do Brasil.

No Partido não se travou, durante longo período, séria luta ideológica para derrotar as concepções não-proletárias. Estas, sem encontrar suficiente resistência, proliferavam de uma ou outra forma nas fileiras partidárias. Daí a persistência, no curso de muitos anos, de tendências anarquistas, sectárias, golpistas e reformistas. Isto explica porque Prestes pôde se manter tanto tempo à frente do Partido, impondo seus métodos falsos e sua orientação errônea.

Para forjar sua fisionomia proletária, o Partido deve, na luta ideológica, livrar-se dos oportunistas. A ausência de luta ideológica é uma manifestação da conciliação de classes dentro do Partido. A vida evidenciou o quanto é nociva a permanência na mesma organização de revolucionários e oportunistas, especialmente nos órgãos de direção. Ocupando postos nestes órgãos, os oportunistas escondem ou difundem habilmente suas opiniões. Mas nos momentos difíceis contrapõem-se às posições revolucionárias, tentando provocar crises no Partido e impedi-lo de atuar conseqüentemente.

A luta ideológica só pode ter êxito se os revolucionários se apoiam no marxismo-leninismo, fundamento básico da vanguarda proletária. Somente desta modo é possível derrotar as tendências errôneas, erradicá-las, seguir uma orientação de classe, desenvolver e consolidar o Partido. Portanto, a assimilação do marxismo-leninismo é uma tarefa fundamental e permanente. O PC do "

Brasil progrediu quando começou a enfrentar concretamente esta tarefa. Ela foi facilitada pelo estudo do marxismo iniciado na década de 50 e, também, pelo aguçamento da luta de classes no plano nacional e internacional, que favoreceu o amadurecimento de muitos militantes. Mas, fundamentalmente, no curso da grande luta contra o revisionismo e no esforço para elaborar uma orientação correta, é que o Partido dá um salto na assimilação dos elementos essenciais do marxismo-leninismo.

Em nenhum momento o Partido pode descurar a assimilação da teoria revolucionária, o domínio do marxismo-leninismo e a preservação da pureza da ideologia proletária. A teoria, no entanto, deve estar a serviço da prática revolucionária e com ela enriquecer-se permanentemente. É a consciência de classe do proletariado, guiando-o nas ações concretas pela transformação profunda e radical da sociedade. Aí reside fundamentalmente o seu valor. O marxismo-leninismo opõe-se ao subjetivismo, ao empirismo e ao dogmatismo e exige, sobretudo, o exame multilateral da situação concreta. Uma política proletária revolucionária não pode se alicerçar em outra coisa que não seja o estudo cuidadoso, frio, científico da realidade social brasileira, tendo como ponto de partida a teoria marxista das classes. Ela não pode se basear em simples desejos e intenções, na aplicação mecânica dos textos dos clássicos ou no transplante das experiências estrangeiras.

O Partido Comunista do Brasil, reorganizado à base da luta ideológica

contra o revisionismo, não tem cessado de combater as teorias adversas ao marxismo-leninismo. Não desliga a luta política contra a ditadura militar e o imperialismo norte-americano do combate sem tréguas às opiniões falsas que circulam no movimento revolucionário. A experiência de cinquenta anos de lutas comprova esta verdade: não se pode conseguir a vitória da revolução sem derrotar as tendências errôneas dentro do Partido e sem desacreditar as teorias pequeno-burguesas e burguesas, assim como os grupos e correntes que as defendem, a fim de atrair as massas para as posições revolucionárias e impedir que caiam sob a influência do oportunismo.

Os êxitos alcançados na assimilação do marxismo-leninismo pelo Partido são, no entanto, os primeiros passos numa longa estrada a percorrer. A revolução brasileira ainda está por se realizar e são inúmeros os problemas que exigem soluções adequadas e demandam do Partido maior profundidade teórica. Isto é tanto mais necessário porque, no período atual de aguçamento da luta de classes, de decomposição do capitalismo e quando a revolução se coloca na ordem-do-dia, surgem as mais diferentes "teorias". A principal delas é o revisionismo contemporâneo. Seus defensores procuram fundamentar toda uma doutrina apoiada na idéia falsa de que, na época atual, a luta de classes mudou de conteúdo. Já não se justificaria o emprego da violência revolucionária, podendo o socialismo ser alcançado por meios pacíficos. Denominam tal doutrina contra-revolucionária de "marxismo-criador". Ao atacar os fundamentos do marxismo-leninismo, os revisionistas soviéticos não só enveredam pelo caminho do oportunismo como também favorecem a disseminação de outras "teorias" e

o aparecimento de partidos, correntes e grupos antimarxistas. Em geral, todos eles expressam a concepção da pequena burguesia e procuram abastardar o marxismo. Esforçam-se para impedir o desenvolvimento do verdadeiro partido proletário e também substituí-lo na direção do movimento revolucionário. A luta ideológica contra o revisionismo contemporâneo e as tendências pequeno-burguesas é, na atualidade, uma necessidade vital do movimento comunista que impõe maior conhecimento da doutrina da classe operária. Se o Partido não se preocupar com a sua formação teórica ligada à prática revolucionária, acabará retrocedendo e não cumprirá a missão que lhe cabe.

3. O Partido só desempenhará sua missão se estiver solidamente ligado às massas e se for capaz de despertar-lhes a consciência revolucionária

Os cinquenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que a vanguarda para dirigir a revolução tem que estar solidamente vinculada às grandes massas, em especial, aos operários e camponeses. A revolução será obra de milhões de brasileiros e não somente dos comunistas e das pessoas mais esclarecidas da população.

O Partido em distintas ocasiões, contou com amplo apoio popular e muitos de seus êxitos estão ligados à mobilização de massas por ele realizada.

As poderosas greves de 1934, as jornadas revolucionárias da Aliança Nacional Libertadora, a campanha pela anistia aos presos políticos, o movimento patriótico em defesa do petróleo, as lutas operárias de 1952/53 em São Paulo são grandes vitórias das massas dirigidas pelo Partido. A experiência adquirida no trabalho entre as massas é um valioso patrimônio que não pode ser desprezado. Apesar da clandestinidade e da perseguição policial, os comunistas sempre encontraram meios para atuar nos sindicatos, associações populares, centros estudantis e nas organizações patrióticas. Neles desenvolveram importante atividade.

Mas, este trabalho apresentava deficiências. Os comunistas não levavam na devida conta o fato de que as entidades sindicais e populares no Brasil se ressentem da falta de organização de base nos locais de trabalho, bairros e escolas. Elas se restringem, em grande parte, às cúpulas dirigentes. Por isso, quando se desencadeia a repressão policial, mostram-se importantes para mobilizar as massas e melhor se defender. Os comunistas não têm feito suficiente esforço para resgatar o trabalho de cúpula, com a organização das massas pela base. Tal organização, contudo, é a única maneira de dar solidez aos sindicatos e aos agrupamentos populares, de colocá-los em condições de enfrentar a reação e de lutar pelos interesses dos trabalhadores e do povo. De um modo geral, os comunistas no movimento de massas preocupam-se mais com a agitação do que com a organização. Não dão também suficiente atenção às pequenas reivindicações, muitas vezes de grande valia para as massas e que podem atrair à luta os setores mais atrasados da população. O estudo da situação real das massas e a avaliação correta de seu estado de espírito ainda não estão no centro das preocupações dos militantes do Partido, o que dificulta formular com precisão e oportunidade as reivindicações operárias e populares.

Mais recentemente apareceu também a tendência a considerar todo e qualquer trabalho de massas como oportunismo e que só a preparação da luta armada podia ser considerada trabalho revolucionário. É uma tendência sectária. Seus defensores não compreendem que a atividade entre as massas é um aspecto fundamental da preparação e do desenvolvimento da luta armada. É que esta, por sua vez, é a forma mais alta da luta de massas.

Todavia, a debilidade mais grave dos comunistas em sua ligação com as massas consistiu na falta de um permanente trabalho revolucionário entre estas. Não possuindo um programa e uma tática efetivamente revolucionária, o Partido tinha grandes dificuldades para elevar a consciência política do povo, objetivando ganhá-lo para a revolução. Os comunistas ora caíam em posições sectárias, pregando a revolução em tese, ora resvalavam para o oportunismo, limitando-se ao trabalho quotidiano pelas reivindicações imediatas sem fazer esforços para educar revolucionariamente as massas. Não obstante, esta educação é uma das principais tarefas dos comunistas. Quando as idéias revolucionárias penetram na consciência das massas, transformam-se em poderosa e invencível força material.

Devido às incompreensões e insuficiências do trabalho de massas, os comunistas não lançaram raízes mais profundas no seio da classe operária e do povo. É incontestável que o Partido sempre gozou de prestígio entre as massas, mas sua influência era difusa, superficial, não se expressava em organização e num apoio sólido e duradouro.

Depois da VI Conferência, o Partido procurou dar outro conteúdo ao trabalho de massas. Nas ações populares de 1968, sua atuação visava a mobilizar setores cada vez mais amplos e ao mesmo tempo radicalizar a luta. Agora, quando estão em primeiro plano a preparação e o desencadeamento da guerra popular, o trabalho de massas assume uma importância ainda maior. A guerra popular não se cinge unicamente à luta armada. Inclui as mais diferentes formas de

luta de massas e a sua vitória depende da mobilização de extensas camadas do povo. A revolução se desenvolverá de maneira desigual no conjunto do país. Em algumas regiões a luta armada será a forma principal de luta, em outras ainda predominarão ações de nível menos elevado. As greves operárias e as demonstrações populares nas cidades constituirão poderosa ajuda ao movimento armado no campo onde, também, se desenvolverão lutas por reivindicações imediatas. De outra parte, as ações armadas no interior serão um estímulo à atividade de massas nas cidades onde, igualmente, há lugar para choques armados com o inimigo.

Em todo movimento de massas os comunistas devem ter sempre presente a elevação da consciência política das massas. Para isto não são suficientes a agitação e a propaganda revolucionária e nem mesmo a luta armada no país. Os comunistas têm a obrigação de ajudar as massas a fazer própria experiência. Enquanto estas não estiverem convencidas da solução revolucionária, é preciso fazer com que através da sua prática, se convençam da necessidade da revolução. Neste sentido, tem grande valor a luta pelas reivindicações econômicas, políticas e sociais, utilizada como fator de mobilização e educação das massas.

Os comunistas lutam pelas reivindicações imediatas do povo e elevam sua consciência revolucionária. Aplicam a linha de massas do Partido, alheia a toda espécie de sectarismo e a qualquer atitude capaz de conduzir ao isolamento. Procuram transformar as fábricas, as escolas, os vilarejos em fortalezas da revolução, objetivando a guerra popular, guerra essencialmente das massas, manifestação da rebeldia de milhões de brasileiros oprimidos e explorados.

4. A subestimação do campo é um dos principais entraves à revolução

Os cinquenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que a pouca atenção dada ao trabalho entre os camponeses foi uma das mais sérias falhas da luta dos comunistas. Ainda que estes tenham definido, há muitos anos, o caráter da revolução como agrária e antiimperialista e levantado continuamente a bandeira da reforma agrária, não se voltaram, durante um longo período, para o campo. Mesmo no auge revolucionário de 1935 não houve maior atividade partidária entre os camponeses.

Inúmeras vezes o Partido proclamou em seus documentos a importância da aliança operário-camponesa como base da união mais ampla das forças democráticas e patrióticas. Pouco realizou, no entanto, neste terreno. Na prática, sempre que se cuidou da frente única, a aliança do proletariado se deu mais com a pequena burguesia urbana e com a burguesia nacional. Este fato ocorreu

devido a subestimação do aliado fundamental do proletariado, o que não permitia levar o Partido e a revolução para o seu verdadeiro leito. As concepções sobre a revolução correntes no Partido viam as possibilidades de luta armada só nas grandes cidades, através de insurreições urbanas ou levantes de quartel. Não relacionavam a luta armada com o campo, onde existem condições para desenvolver com êxito esta luta.

A experiência de meio século revela que o campo é o problema-chave da revolução. Os movimentos progressistas e revolucionários nas cidades não lograram êxito nem tiveram maior consequência porque não contavam com um combativo movimento camponês. O campo permaneceu atrasado em relação às cidades no que se refere ao nível de consciência de luta e de organização. Por isso não teve participação de maior vulto nas grandes ações políticas que se desenvolveram no país. Para alcançar a vitória, a revolução tem que contar com o apoio e a ação do campesinato.

Unicamente na década de 50, o Partido fez tentativas de se voltar para o campo. Enviou ativistas a regiões de maior tensão social, particularmente para zonas de posseiros. Com a participação do Partido, surgiram lutas em Peçatú (Paraná), Formoso (Goiás), interior de São Paulo e Triângulo Mineiro. Estas lutas tiveram cunho radical e mostraram as imensas possibilidades para impulsionar o movimento revolucionário no campo. Mas o Partido não deu continuidade a este trabalho nem procurou generalizar a experiência. A partir de 1956, sob a influência do revisionismo, a atividade dos comunistas no campo foi totalmente abandonada. Inclusive, foi retirada a palavra-de ordem de reforma agrária radical.

Depois de sua reorganização, o Partido decidiu situar o centro de gravidade do seu trabalho no interior partindo da idéia de que o movimento camponês é a principal base de massas da revolução e de que a aliança operária-camponesa é condição fundamental para assegurar a hegemonia do proletariado. Com o documento da Comissão Executiva de agosto de 1964, passou a dar maior atenção ao problema camponês, destacou-se na VI Conferência e baseou a sua concepção de luta armada, tendo o interior como seu principal cenário.

É perfeitamente viável incorporar o campo à revolução. Os camponeses, que constituem grande parte da população brasileira, desejam a liquidação do latifúndio. O monopólio da terra se estende a vastas áreas do território nacional, ao passo que a esmagadora maioria dos que vivem no campo não possui terra, paga a meia e a terça ou trabalha em áreas devolutas nas regiões insalubres e bastante longínquas. No Nordeste, repete-se, frequentemente, o fenômeno das secas que flagela milhões de camponeses entregues à própria sorte. Levas e levadas de trabalhadores, impelidos pela fome, abandonam seus lares e emigram para as cidades onde não acham abrigo nem trabalho. Encontram-se no campo as massas mais pobres e oprimidas do país, desprovidas de tudo. São vítimas de arbitrariedades de todo tipo, não gozam de nenhum direito. O interior está abandonado e seu atraso é secular. Existe, assim, no campo imenso potencial revolucionário. Os camponeses estão profundamente interessados na derubada do atual regime e na instauração de um governo realmente popular capaz de realizar profunda reforma agrária e de acabar com a difícil situação em

que vivem.

A fim de despertar e mobilizar os camponeses é preciso ir ao campo, trabalhar e viver com as massas camponesas. É a única maneira de poder conhecer os problemas da população rural, interpretá-los corretamente e formular para elas a ordem de luta. Não se consegue desenvolver trabalho no campo procurando dirigir-los das cidades. Num país como o Brasil, de grande extensão e com acentuado desenvolvimento desigual, é muito variada a situação das diferentes regiões e distintas também as reivindicações imediatas das massas, embora haja reivindicações gerais comuns. Transferindo-se para o campo, os comunistas conhecerão melhor a psicologia dos camponeses, verão que eles não estão conformados com a vida que levam e que suas menores reivindicações se transformam em choques, às vezes violentos, com os latifundiários, grileiros e a polícia. O homem do interior sente as injustiças. Está disposto a rebelar-se desde que encontre uma direção justa e um apoio firme, direção e apoio que só o proletariado e seu partido podem assegurar.

5. A conquista das massas pelo Partido exige uma correta compreensão do papel da burguesia nacional

Os cinquenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que grande parte dos erros por ele cometidos se realça ^{em vista do papel} da burguesia nacional. (*)

(*) - O conceito burguesia nacional não inclui a parte da burguesia brasileira ligada ou associada ao imperialismo.

O Partido, que entrou na cena política quando a burguesia nacional procurava realizar transformações democráticas burguesas, não compreendeu suficientemente o papel da burguesia nacional e o conteúdo real de sua atuação no curso de vários decênios. Seus erros de direita e de "esquerda" estão ligados a esta incompreensão. Na década de 20, absteve-se de tomar parte no movimento político que se processava no país. Ficou alheio à luta por transformações democráticas, entregou na prática a direção desta luta a burguesia nacional, que conquistou grande influência sobre as massas proletárias e populares. Depois do golpe de 1937, o Partido abandonou a posição independente que teve em 1935 e se limitou à luta pelas reformas burguesas. No pós-guerra, adotou uma linha de reboque à burguesia. Mais tarde, com o Manifesto de Agosto retornou a posições sectárias de combate, puro e simples, à burguesia nacional. Durante o governo Kubitschek e, particularmente, no período de Goulart, o Partido atuou inteiramente como força caudatária do capitalismo nacional. Só depois da reorganização, em 1962, passou a assumir posição independente, de classe.

Neste meio século, a burguesia nacional tem sido força atuante no cenário político, buscando reforçar suas posições no Poder e levar a cabo, a seu modo, algumas das transformações exigidas pelo desenvolvimento do capitalismo. Na década de 20, recorre à luta armada para derrubar o governo oligárquico de então. Mas esta luta se restringe ao levante de quartéis. A partir de 1930

a burguesia nacional ora é força principal no governo, ora é força secundária. Algumas vezes chega a ser aliada do governo. Não luta de maneira radical ¹⁴ contra o latifúndio e o imperialismo. Trata de conseguir, de modo gradativo, as transformações de caráter burguês, sem atingir em profundidade o sistema¹ do latifúndio e sem romper por completo as amarras com o imperialismo. Simultaneamente, procura aumentar sua influência no Poder, utilizando tanto as eleições, como a força militar, sem entretanto recorrer às ações armadas que possam envolver as massas populares. Um dos métodos principais que emprega é a demagogia trabalhista, tendo em mira subordinar o proletariado aos seus interesses.

A burguesia nacional não conseguiu o completo domínio do Poder. Faz as mais diversas composições com as forças retrógradas e os imperialistas. Quando sua política se choca mais agudamente com os interesses dessas forças e do imperialismo e o movimento popular adquire envergadura, é desalojada do Poder pelos golpes militares ou obrigada a fazer sérias concessões para manter o governo. Em 1937, entrou em acordo com os setores mais reacionários e juntos implantou o Estado Novo. Em 1945, tentou se desvincular dessas forças e apoiar-se no ascenso do movimento de massas. Foi aliada do Poder. Procurou então se adaptar ao governo de Dutra que representava aqueles setores. Voltou a conquistar importantes posições com a eleição de Vargas em 1950. Quatro anos após, um golpe militar, que levou Getúlio Vargas ao suicídio, a afastou do Poder. Na gestão de Juscelino Kubitschek retomou certas posições no governo, Mais tarde, voltou ao Poder com João Goulart. O golpe de 1964, dirigido fundamentalmente contra as forças populares, a deslocou outra vez do governo.

Uma atitude correta do proletariado exige justa avaliação do papel da burguesia nacional, o conhecimento de suas possibilidades e limitações na luta democrática. A burguesia nacional, surgida na época do imperialismo e das revoluções proletárias, é vacilante e incosequente, tende cada vez mais ao compromisso. Por sua origem, tem ligação com grandes proprietários fundiários e ~~encontra-se~~ ~~com o sistema~~ bancário do país, em geral, nas mãos de forças reacionárias. É essencialmente reformista. Apenas uma parte da burguesia mostra-se favorável à luta armada. Quando a burguesia nacional adota medidas restritivas ao imperialismo e ao latifúndio e propicia certas liberdades democráticas apresenta um lado progressista. Quando procura colocar as massas no caminho reformista, desviando-as da senda revolucionária, ou capitula diante das forças mais retrógradas, revela seu lado reacionário. Ao pugnar por determinadas reformas e ao admitir certas liberdades, encontra, geralmente, resistência dos reacionários que se mobilizam para derrubá-la do Poder e investir "contra as massa populares. Sempre que isto acontece, cede e teme a luta. Afastada do Poder pelos golpes militares, trata de adaptar-se à nova situação e busca gradualmente o caminho "legal" do retorno ao governo.

Sem interpretar devidamente a conduta da burguesia nacional, o Partido não pode utilizar de maneira revolucionária as diversas crises políticas que surgem no decurso de vários decênios. Inúmeras foram as oportunidades para iniciar a revolução. Mas o Partido não atuou corretamente. Foi incapaz de aliar-se à burguesia nacional quando se fazia necessário, mantendo sua indepen

dência, ou de combatê-la adequadamente quando era preciso. Também mostrou-se incapaz, em certos momentos, de apoiar aspectos positivos da política da burguesia nacional e de atacar ao mesmo tempo, seu reformismo e suas monobras demagógicas que visam a afastar as massas da revolução. Não aproveitou os curtos períodos de relativa liberdade para preparar-se e preparar as massas das cidades e do campo a fim de responder com a violência às diferentes golpes militares das forças mais reacionárias contra o povo. Se tivesse feito esta preparação ajudaria as massas a não ficar passivas diante dos ataques da reação nos momentos em que a burguesia nacional vacilava e mostrava a sua inconseqüência. O Partido não soube disputar com ela a influência sobre as massas. O proletariado não conseguiu, assim, imprimir ao desenvolvimento da situação política um curso que fosse favorável à revolução. Deixou de cumprir, no fundamental, sua função dirigente.

Os êxitos e fracassos da revolução brasileira dependem de quem a dirige: o proletariado ou a burguesia nacional. A direção da classe operária é decisiva para os destinos desta revolução.

6. Um partido revolucionário tem que cuidar persistentemente da luta armada

Os cinquenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que a vanguarda do proletariado deve preocupar-se seriamente com a preparação e o desencadeamento da luta armada.

No curso da sua vida, o Partido, com maior ou menor intensidade, deu atenção ao trabalho quotidiano nos sindicatos, no movimento estudantil, nas

organizações populares e entre a intelectualidade. Realizou agitação entre as massas, participou de campanhas eleitorais. Mas não cuidou, salvo em 1935, da preparação efetiva da luta armada. Adquiriu rica experiência de lutas de massas. Não possui, porém, experiências de luta armada. O Partido não atuou como verdadeira organização que defende a violência revolucionária das massas método provado para se opor à violência da reação e para conquistar o Poder.

No entanto, a revolução violenta era e é a única saída para o povo brasileiro livrar-se da opressão, da miséria e do atraso. O Brasil sempre viveu sob o guante das forças reacionárias. A não ser em períodos muito breves, jamais houve liberdade no país. Imperam o arbítrio e a mais feroz repressão contra as massas. Os movimentos patrióticos e democráticos de maior envergadura ou em defesa dos interesses dos trabalhadores foram em geral, esmagados pela força bruta. Em nenhuma época foi respeitado o direito a greve e nunca os camponeses tiveram liberdade para se organizar e lutar por suas reivindicações. O partido do proletariado, durante quase toda sua existência foi duramente perseguido e obrigado a viver na clandestinidade. Neste meio século, salvo pequenos intervalos, predominaram no país regimes de exceção. Na década de 20, repetiram-se com frequência os estados de sítio. A Constituição de 34, apesar de suas limitações, deixou de existir em 1936 com a suspensão das garantias individuais. De 1937 a 1945, dominou o poder discricionário do Estado Novo. A Constituição de 46, também limitada, sofreu sucessivas mutilações e foi posta de lado em 1964. Desde o golpe militar de 1º de abril, o país vive sob uma ditadura fascista.

A luta armada sempre foi, assim, uma exigência da situação objetiva. Sem recorrer a este tipo de luta, o povo não poderia fazer valer os seus direitos. Conquistava, pouco a pouco, algumas liberdades, conseguia um relativo avanço de movimento popular, em seguida suportava o peso dos golpes da reação e perdia as posições obtidas. Quando eclodiam as crises políticas, o povo e o Partido, despreparados para a luta armada, ficavam impotentes para intervir nos acontecimentos e dar uma saída de acordo com os interesses nacionais.

Rompendo com o revisionismo, o Partido passou a dar atenção às questões militares. Compreendeu que para cumprir sua função de vanguarda, precisa ser instrumento da revolução. Elaborou a sua concepção a respeito do caminho da luta armada, exposta no documento de 1969 sobre a guerra popular. Ao mesmo tempo que desenvolve sua atividade política e de massas, orienta-se para levar à prática aquela concepção.

A preparação da guerra popular é totalmente contrária ao espontaneísmo. Não bastam as indicações gerais. É indispensável concentrar esforços nas zonas mais propícias e nelas trabalhar com afinco. Ter presente que a luta armada exige a elaboração de planos concretos e que é preciso adotar medidas destinadas a sua execução.

Todos os militantes do Partido têm o dever de ocupar-se com os problemas que se relacionam diretamente com a guerra popular e estar em condições de serem mobilizados para a luta. O estudo da arte militar, o manejo das armas, o domínio dos métodos de combate, o aprendizado que permita realizar ações na retaguarda do inimigo, a preparação física e moral para a luta arma

da - tudo isto deve constituir preocupação constante dos revolucionários proletários.

Se o Partido se preparar prática e devidamente, estará em condições de realizar, junto com as massas, ações de nível superior na ocasião oportuna, de enfrentar a violência das forças reacionária e do imperialismo com a violência revolucionária.

7. Para ser vanguarda da revolução o Partido deve permanecer fiel ao internacionalismo proletário

Os cinquenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que os comunistas devem ser fiéis ao internacionalismo proletário, princípio que norteia os trabalhadores de todos os países unidos na luta contra o inimigo comum - o capitalismo - e pela conquista de uma sociedade livre de qualquer exploração e opressão.

O PC do Brasil surgiu como um destacamento do proletariado mundial, seção da Internacional Comunista. Mesmo depois de desaparecida a IC, em 1943, continua parte integrante do movimento comunista mundial e ainda hoje assim se considera. Manteve justas relações com os partidos comunistas e operários irmãos e foi grandemente beneficiado pela ajuda do movimento comunista de todos os países.

O Partido Comunista do Brasil apoiou decididamente o Partido Bolchevique em sua luta histórica pela construção do socialismo na União Soviética, então baluarte da revolução mundial. Esteve ao lado do proletariado espanhol na guerra civil em defesa da República. Solidarizou-se com os povos da URSS em sua guerra patriótica contra o nazismo. Apoiou a luta heróica do povo chinês contra o imperialismo e a reação interna e saudou com entusiasmo a vitória da Revolução Chinesa. Condenou com veemência a agressão norte-americana à Coreia e mobilizou o povo para se opor ao envio de tropas brasileiras àquele país. Expressou solidariedade ao povo cubano em sua justa luta contra os imperialistas do Estados Unidos. Profligou a agressão da Índia a China Popular. Repeliu a campanha de calúnias dos revisionistas kruschovistas contra a Albânia e exaltou a firme atitude dos dirigentes do PTA em defesa do marxismo-leninismo. Ergueu-se contra a presença de soldados do Brasil em São Domingos para esmagar, junto com os norte-americanos, a revolução popular. Hoje, cerra fileiras com os trabalhadores de todos os países no apoio aos povos da Indochina, vítimas de bárbara agressão imperialista.

Também o Partido contou com o apoio e a solidariedade do movimento comunista internacional. Graças à IC, fundada por Lênin, foi mais fácil organizar o Partido e dotar, em certos momentos, posições corretas. A definição, num plano mais geral, do caráter da revolução brasileira foi baseada nas teses do VI Congresso da III Internacional. Nas modificações feitas pelo Partido, em 1934/35, na sua linha política, influuiu a orientação de frente única de combate ao fascismo defendida pelo Comintern. Após 1935, em vários países realizaram-se campanhas de ajuda aos presos políticos brasileiros e de denúncia dos crimes da ditadura estadonovista. Como chefe da revolução mundial Stálin, com suas opiniões clarividentes, possibilitou uma compreensão mais

justa de muitos problemas da revolução brasileira. Depois de sua reorganização, em 1962, o Partido contou com a valiosa contribuição política e ideológica do Partido Comunista da China e do Partido do Trabalho da Albânia. O desmassamento do revisionismo contemporâneo, contido nos nove artigos publicados pelo PC da China nos anos de 1962/63, serviu para elucidar teoricamente questões de grande atualidade. A firme posição revolucionária dos comunistas albaneses e sua denúncia enérgica da traição kruschovista fortaleceram a convicção do PC do Brasil na justeza da luta contra o revisionismo soviético. Nos dias atuais, o Partido estreita os laços de amizade e solidariedade com o Partido Comunista da China, glorioso destacamento de vanguarda do proletariado chinês, provado em duros combates, e com o Partido do Trabalho da Albânia, força avançada do socialismo, acérrimo defensor do marxismo-leninismo. Une-se com os demais partidos operários revolucionários do mundo.

No entanto, o PC do Brasil nem sempre utilizou corretamente a ajuda do movimento comunista internacional. Apesar de ter surgido na época de Lênin, não assimilou suficientemente seus ensinamentos. O inolvidável chefe do Partido Bolchevique abordou em profundidade os mais complexos problemas da revolução, tanto dos países capitalistas como dos países coloniais e dependentes, e deu maior contribuição até hoje conhecida ao enriquecer o marxismo. Muitos dos erros cometidos pelo Partido, em seus cinquenta anos de vida, já haviam sido causticados pelo grande gênio da Revolução Proletária. Também a orienta

ção da Internacional Comunista não chegou a ser bem compreendida pelo Partido e aplicada em conformidade com a realidade concreta do país. É certo que a assistência do IC foi bastante precária. Os elementos por ela enviados não dominavam a situação do Brasil e alguns deles eram portadores de concepções errôneas. Outros, contudo, como Arthur Ewert (Harry Berger), ajudaram efetivamente o Partido e a revolução no Brasil.

Foi grandemente negativa para a formação do Partido o modo como se utilizou a experiência estrangeira. A transposição mecânica desta experiência às condições brasileiras contribuiu para que o Partido se colocasse fora da realidade. Era justo estudar com grande interesse a origem e atividade do PCUS e também de outros partidos de países socialistas; era correto destacar o papel da União Soviética como fortaleza do socialismo e da revolução mundial; era imprescindível aprender com a linha do Partido Bolchevique e de seu grande líder J.V.Stálin. Mas não se justificava repetir no Brasil, pura e simplesmente, as teses do PCUS, como muitas vezes ocorreu, e, muito menos, aplicá-las dogmaticamente. Traços peculiares da revolução ou do desenvolvimento do Partido em determinada país não podem ser considerados como lei universal.

Não obstante, as relações do PC do Brasil com o movimento comunista mundial foram, no fundamental, benéficas e devem ser simplesmente desenvolvidas. A má utilização da experiência estrangeira foi fruto de deficiências do Partido. Os erros nas relações internacionais tiveram um caráter secundário.

O Partido Comunista do Brasil considera de maior importância o estreitamento de relações entre os diferentes destacamentos da classe operária pa-

ra o fortalecimento da unidade de pensamento e de ação dos revolucionários proletários e para o desenvolvimento da ajuda mútua multilateral entre os partidos comunistas. Esta ajuda é indispensável para a formação e a consolidação das vanguardas comunistas, tendo em vista superar o atraso do fator subjetivo que se verifica em muitos países dominados pelo capital. No quadro da revolução mundial o fortalecimento do partido comunista em cada país é parte da estratégia do proletariado internacional em luta contra o capitalismo e pelo socialismo. Por isso, a sorte de cada partido comunista não diz respeito somente a ele, mas a todo o movimento comunista em seu conjunto. Cada destacamento avançado da classe operária é responsável pela sua orientação ante o proletariado de seu país, e, ao mesmo tempo, ante os trabalhadores de todo o mundo. Os marxistas-leninistas, congregando-se no plano mundial e coordenando suas atividades, contribuirão para impulsionar e levar até o fim a luta contra o imperialismo, o revisionismo e a reação.

O Partido Comunista do Brasil, empenhando-se em levar a revolução adiante, cumpre um dever com o povo brasileiro e, igualmente, com os povos revolucionários de todo o mundo. Compreende que a luta travada no Brasil é parte da grande luta dos povos contra seus inimigos mortais. É parte também da luta dos trabalhadores pela vitória universal do socialismo.

No cinquentenário de sua fundação, o PC do Brasil reafirma sua posição internacionalista. Apóia e defende o verdadeiro partido marxista-leninista

da classe operária de cada país e tudo faz para estreitar os laços de solida-
riedade com os partidos comunistas e operários. Apóia a luta de classe opera-
ria dos países submetidos ao jugo do revisionismo pela restauração da ditadu-
ra do proletariado. Apóia as ações da classe operária dos países capitalistas
por suas reivindicações e pelo socialismo. Apóia os povos oprimidos que, de
armas nas mãos, lutam por sua emancipação. Apóia o movimento de 'libertação'
nacional em todos os Continentes. Apóia decididamente o Partido Comunista da
China e o Partido do Trabalho da Albânia que dirigem a construção do socialis-
mo e abrem caminho para a edificação da sociedade comunista.

O Partido Comunista do Brasil guarda fidelidade ao internacionalismo
proletário, expresso no lema de Marx e Engels, lançado há mais de um século:
PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!